

# Revolução

## VOTA

## CONSELHOS

# REVOLUCIONÁRIOS

pag. 3



**PARTIDO REVOLUCIONÁRIO DO PROLETARIADO • BRIGADAS REVOLUCIONÁRIAS**



# PARTICIPAÇÃO DOS LEITORES

## UM DIA NO PAÍS DE ELEIÇÃO

Nas diversas intervenções dos Partidos empenhados na Campanha Eleitoral, notamos para além da sua promoção junto do público eleitor o ataque mais ou menos sistemático ou a palmadinha nas costas, às outras organizações que lhes são antipáticas ou simpáticas.

Intercala-se, assim, no meio das linhas programáticas, a troca de galhardetes ou a canelada e o jogo perigoço, neste interessante campeonato eleitoral.

Para ilustrar este prefácio, reportemo-nos às intervenções do dia 3 de Abril, que se podem reduzir aos remos e ou aos elogios mais ou menos disfarçados ao PCP.

Para a FEC (ML) põe-se o trabalho de reconstrução do Partido Comunista, destruído pela traição revisionista como tarefa central de todo o comunista, sendo preciso dar uma luta sem trégua aos revisionistas, desmascarando-os junto das massas como traidores da Revolução.

Achamos muito louvável este trabalho, mas estávamos convencidos que a tarefa central de qualquer comunista era lutar contra o capitalismo.

A opinião da FEC, ao contrário do que se poderia supor não é partilhada pela UDP que reserva a sua senha para outras organizações. A UDP diz mais uma vez, que ela não é "O" Partido Comunista que virá — por obra e graça do espírito santo — salvar providencialmente a classe operária, mas frisa que em Portugal já existiu esse partido, mas que a linha burguesa tomou conta dele.

A UDP atrai-se com mais vigor ao Governo e ao MFA, por permitirem a reorganização de partidos fascistas, como o CDS e PDC; e ao PS: "O senhor Mário Soares fala em socialismo em liberdade, mas isso não é nada, a não ser enganar a classe operária e os camponeses".

Perde-se depois em considerações sobre o trotskismo dando uma definição, que nos parece curiosa: "Meninos armados em revolucionários nas universidades".

Creemos que o eleitorado com esta definição, ficou profundamente elucidado sobre o trotskismo.

Por falarmos em trotskistas vamo-nos referir em seguida à LCI, que teceu diversas considerações sobre os diversos partidos, assanhando-se contra os maoístas. Curiosamente não falou em stalinismo, o que leva a crer que retirou essa designação ao PCP, como fazia há tempos, o que não deixa de ser lógico já que a LCI pretende viajar no mesmo barco reformista, de que o PCP é tímido. Assim, a LCI passa a pente fino os

seus rivais eleitoralistas da forma como se segue:

"Se os maoístas (ao nível eleitoral, especificamente a FEC, o PUP e a UDP) pretendem fazer da campanha eleitoral um altifalante do seu histerismo anti-social-fascista e anti-social-imperialista (coincidindo com o histerismo anti-comunista do PPD e do PS) então uma atitude correcta nunca poderia ser a de dar pelo voto, um apoio político a essa campanha".

Se os maoístas e o namoro ao PCP continua, excomungando os lusos pupilos do Presidente Mao: "os maoístas dizem que o PCP é burguês e social-fascista e que o 28 de Setembro e o 11 de Março foram contra-golpes sociais-fascistas. Assim, eles preferem aliar-se com organizações burguesas (como o PPD) ou anti-comunistas (como o PS) a serem fileiras com os operários e as lutas influenciadas pelos reformistas".

Continuando a bater a tecla do anti-reformismo benevolente, a LCI afirma que "um burguês do PPD será sempre um reaccionário e um fascista em potência e um operário do PCP, apesar de reformista, será sempre um proletário e um revolucionário em potência".

A LCI apela para que a classe vote não só no seu partido, como também no MES e na FSP, apesar de se situarem entre revolucionárias.

Com este iluminado conselho, não temos dúvidas em colocar a LCI na mesma situação, do MES e a FSP, um pé na revolução e o outro na reforma.

O PCP reserva as suas energias para o PPD e o MRPP (embora este não se apresente como seu concorrente nas eleições).

Começa por tecer considerações sobre o actual Governo, de que faz parte, dizendo que contém em si factores negativos de paralisação, sendo a presença do PPD um dos maiores.

Depois, tenta chamar ao bom caminho o PS, achando que "é necessário que os dirigentes do PS deixem de participar em calúnias anticomunistas e deixem de opor-se, como tantas vezes tem acontecido, ao desenvolvimento do processo revolucionário". Noutro ponto, o PCP diz que o "respeito pela legalidade democrática deve ser exigido, não sendo de admitir que se voltem a verificar cenas simultâneas do MRPP e PPD".

O PCP acaba por lançar o anátema ao seu comparsa governamental, afirmando que o PPD

## NÃO ÀS ELEIÇÕES

Um leitor que já por várias vezes nos escreveu, desta vez enviou-nos uma carta que nos fala das eleições e que nos diz "Camaradas: NÃO ÀS ELEIÇÕES!"

"Não estamos preparados para elas. Neste momento as eleições são a maior arma para a reacção! Temos que fazer frente ao Governo".

Revela-nos também a forma como encara o momento actual e a sua vontade de avançar para a Revolução Socialista.

"É preferível morrer pela Revolução Socialista, do que morrer sem fazer nada e ajudar o inimigo. Vamos ser conscientes. Hoje os exploradores da nossa classe, que nunca trabalharam, estão na rua a colar cartazes, a distribuir propaganda, mas só com uma intenção, a de continuarem a explorar-nos, a de continuarem a

mandar. Quem são os CDS, os PPD, os PS, os PC, os PDC? - São os exploradores da nossa classe.

A classe operária é que tem que tomar o poder, só assim é que conseguiremos vencer. Reparem o que está a acontecer em Angola, camaradas, os reaccionários viram que estavam a perder terreno, começaram a matar o povo. Nas ruas de Angola há terror.

Aqui em Portugal pode acontecer o mesmo.

Temos que estar organizados e armados para vencer a nossa Revolução Socialista, não podemos ir na conversa da campanha eleitoral dos partidos.

Viva a Revolução Socialista!  
Abaixo as eleições!  
Pela Ditadura do Proletariado!  
Viva o comunismo!  
J.M.

## SOBRE O INTERNACIONALISMO

Tenho seguido com atenção e agrado a actividade que têm desenvolvido na organização revolucionária das camadas operárias. É pois, com enorme satisfação que observo que a vossa linha teórica se vem definindo cada vez melhor de dia para dia, o que se reflectirá (e por certo já se reflectiu) na vossa actuação prática, da mesma forma que a prática tem esclarecido a vossa actividade teórica.

A proposta de organização sindical, o Manifesto(não) eleitoral, o comício do Campo Pequeno, a actividade armada e os últimos números do Revolução atestam bem a justeza dos elogios à vossa acção revolucionária. Um dos aspectos que mais agradavelmente me impressiona é o vosso constante apelo ao Internacionalismo Proletário e a consequente recusa do nacionalismo chauvinista e patrioteiro que ainda continua a ser corriqueiro em certos meios dirigentes e correntes partidárias.

Com efeito, acho importante que se efectue uma propaganda activa

no seio do proletariado no sentido de lhe fazer ver aquilo que ele já conhece por sentimento interior: que os operários dos outros países são tão explorados como eles (por vezes até mais) e que a força repressiva do capital age à escala mundial; ao mesmo tempo deve-se também explicar, de forma simples que são as próprias leis, caóticas mas combinadas do desenvolvimento das forças produtivas capitalistas que determinam a necessidade de que a luta se efectue a nível internacional, dentro dos princípios de internacionalismo proletário.

Estou certo que expresso a vontade de muitos camaradas nossos, pois que, não só o Internacionalismo Proletário, mas a própria escalada progressiva e incessante da revolução socialista internacional face à aguda crise geral do capitalismo mundial, impõem um repensar do vosso (nosso) processo de luta no sentido único da Revolução Socialista Mundial.

Saudações revolucionárias.  
A.F.D.A.

**não às eleições  
sim à revolução  
socialista**

Porta-Voz do PARTIDO  
REVOLUCIONÁRIO DO PROLETARIADO  
BRIGADAS REVOLUCIONÁRIAS



# Revolução



# ESTÃO NA ORDEM DO DIA OS CONSELHOS REVOLUCIONÁRIOS

A fase que se segue é, em matéria de organização dos trabalhadores, a dos **Conselhos Revolucionários**. E isso acontece porque ao momento político actual tem de corresponder uma organização saída das próprias bases trabalhadoras e que dê a estas o poder de actuar organizadamente sobre a realidade. Perante o eleitoralismo dos partidos, que já se agridem entre si e perante o perigo real dum golpe de direita, os trabalhadores encontram formas próprias para resistir e para vencer.

É assim que começam a surgir por muitos lados os Conselhos Revolucionários. No dia 11 de Março militantes revolucionários fizeram na Marinha Grande a proposta de Conselhos Revolucionários, proposta que foi aceite por operários de partidos diferentes e por operários sem partido. Hoje a criação do Conselho Revolucionário da Marinha Grande é um processo que se desenrola e nas três principais fábricas vai proceder-se à eleição de delegados. Esta proposta foi também aceite e levada a cabo por militantes de base do P.C. por muito que custe à sua cúpula. E é triste que custe (e que mereça "auto-críticas") porque esse facto significa a unidade de base dos trabalhadores, que passa por cima das filiações partidárias. Também na Emissora Nacional decorre um processo de eleição entre os trabalhadores daquela emissora para a constituição dum Conselho Revolucionário, que incluirá militantes de vários partidos e homens sem partido. O mesmo sucede no Rádio Clube Português. E também na Lisnave se aponta para um processo semelhante.

Esta forma de organização saída das bases trabalhadoras vem mais uma vez contrapor-se ao sectarismo das cúpulas partidárias. E é certo que a grande massa dos trabalhadores não se sente representada por nenhum partido, nem admite que as organizações partidárias falem em seu nome. Por muito que alguns partidos se auto-intitulem os "partidos do povo" (MDP CDE e PCP) ou que se sintam possuídos da "voz da classe operária" (MRPP), o "povo" e a "classe operária" em geral (excepto os militantes das ditas organizações) não passaram procuração a ninguém para que se diga seu representante. É portanto um abuso que se pratica em nome dum classe, que tem mostrado ser maior, falar-se como seu representante. A classe operária não delegou em nenhum partido para que fale em seu nome. As únicas organizações que se podem dizer representativas da classe operária são aquelas que são eleitas

pela própria classe com a participação de todos os trabalhadores.

Tem sido até à data o caso das comissões de trabalhadores eleitas em cada local de trabalho. Mas as comissões de trabalhadores, eleitas em assembleia de empresa depois do 25 de Abril têm sido destinadas à luta reivindicativa; têm sido as representantes dos trabalhadores para as reivindicações - salários, leque salarial, férias, condições de trabalho. Apenas a questão dos saneamentos nas empresas tem sido uma questão directamente política; mas este saneamento tem sido a maior parte das vezes nulo ou insuficiente - caso dos Hospitais Centrais, caso da Lisnave. A história da criação das comissões de trabalhadores, que culminou com a manifestação do 7 de Fevereiro é a história da organização autónoma dos trabalhadores após o 25 de Abril. Na prática tem demonstrado que a assembleia de trabalhadores é soberana e que é ela que controla as comissões. É assim que a maior parte das comissões foi revogada quando deixou de corresponder ou quando traiu os interesses dos trabalhadores, o que nunca aconteceu com direcções sindicais. E é assim que nalguns casos as comissões de trabalhadores se transformaram em

comissões de delegados sindicais, que podem opôr-se diametralmente à direcção (uma orientação vem de baixo, a outra vem de cima!) como é o caso dos trabalhadores abrangidos pelo Sindicato dos Administrativos da Marinha Mercante Aeronavegação e Pesca ou simplesmente transformar-se em sindicato de empresa como é o caso dos CTT. De qualquer modo as comissões eleitas são a organização representativa dos trabalhadores. A sua força e a sua capacidade de organização, livre da tutela dos partidos, foram bem demonstradas pela manifestação do 7 de Fevereiro. E por muito que custe aos partidos que reclamam que só a organização partidária será a vanguarda da classe operária e que toda e qualquer organização se deve subordinar ao partido, a organização autónoma da classe não se tem subordinado a partido nenhum, nem tem seguido nenhuma bandeira. No dia 7 de Fevereiro os militantes partidários desfilarão num cortejo apartidário e unitário e quem foi responsável e dirigiu foi a organização autónoma dos trabalhadores, as suas comissões. Por muito que pese aos sectários e às "vanguardas" auto-proclamadas...

Mas esta é a organização reivindicativa, sindical de base. Neste momento, a par desta organização,

nasce uma organização autónoma política que são os conselhos revolucionários. Eles correspondem à situação concreta que se está a viver.

Já poucas ou nenhuma organizações que se reclamam da classe operária defendem a possibilidade de estabilização em democracia burguesa. Apenas o P.S. defende uma "democracia pluralista", que é uma modalidade mais esquerdizante dos sonhos social-democratas do P.P.D.; e a A.O.C. diz claramente que defende a democracia burguesa como alternativa aos dois perigos por si pressupostos - o fascismo e o "social-fascismo". De resto as organizações de esquerda têm vindo a convergir naquela formulação que o PRP-BR sustentou (e com que discussões) desde o 25 de Abril - ou regresso ao fascismo ou revolução socialista. Hoje pode-se mostrar, com documentos, que partidos desde o comunista tradicional aos maoístas, que por uma razão ou outra apostavam na democracia burguesa vieram a aceitar esta mesma interpretação. Esta coincidência é fruto dum situação objectiva que se mete pelos olhos dentro. É pois uma situação de profunda crise económica, social e política com o perigo eminente dum golpe fascista, que já ninguém nega de boa fé.

É na forma do enfrentar que há divergências, mas sobretudo e felizmente entre as cúpulas partidárias. Pois que enquanto nós pensamos que só uma transformação radical defendida pelos trabalhadores em armas pode ser solução, outros pensam poder "enganar" o imperialismo implantando o socialismo gradualmente (ainda por cima como se isso fosse possível economicamente!) e repousam nos actuais homens armados, mesmo que saibam que entre eles há uns tantos Spínolas. Mas na base dos trabalhadores esta última teoria não vingará e sentimos por todo o lado a necessidade dos trabalhadores se organizarem armados, juntamente com os soldados e os oficiais revolucionários. Esta é a necessidade que a classe tem de assu mir o seu papel revolucionário, não recuando perante o inimigo, nem delegando noutros a luta.

Os Conselhos Revolucionários correspondem também à necessidade sentida pelos trabalhadores de se unirem na base e na acção, ultrapassando divergências partidárias. A grande massa dos trabalhadores sabe que, sendo o patrão, o capitalismo e toda a máquina que por trás deles está, os inimigos comuns que é necessário

vencer, só a unidade na base poderá possibilitar a vitória. Só os trabalhadores armados e unidos entre si (e não desarmados! e não unidos à pequena e média burguesia!) poderão garantir que as forças reaccionárias não triunfem e, mais do que isso, poderão instaurar um verdadeiro socialismo.

Porque enquanto a direita ameaça, enquanto a aranha tece a sua teia na sombra, enquanto se organiza a reacção (ao que parece armada) o que faz a maioria e quase totalidade, dos partidos que se reclamam da classe operária? Brinca às eleições, organizando um campeonato, muito divertido, mas muito perigoso. Enquanto a direita ameaça, os partidos degladiam-se,

insultam-se, organizam campanhas, nas quais não proclamam a organização da classe operária, não proclamam a necessidade de pegar em armas contra a reacção, mas proclamam sim que cada um deles é o melhor e que os outros são pessimistas. Este eleitoralismo, no qual a esquerda é distraída, distrai também as atenções das massas. Este eleitoralismo pode ser criminoso...

A criação de Conselhos Revolucionários é a resposta consciente dos trabalhadores à eminência dum golpe de direita e ao eleitoralismo leviano que tem a ver com a burguesia.



## NO PAÍS DE ELEIÇÃO

Continuação pág. 2

está a entrar deliberadamente em actividades subversivas.

A FSP, recentemente divorciada do PS aproveita a campanha para atacá-lo, e defender simultaneamente o seu novo patrono: o PCP.

É a respeito do PCP, que a FSP declara que aquele partido tem grandes possibilidades de dar uma imagem da implantação das classes trabalhadoras.

Mas o PS é que é o grande alvo: "O PS foi formado por meia dúzia de pessoas regressadas do estrangeiro, formado da cúpula para a base. Atacamos as cúpulas comprometidas com a social-burguesia europeia e o enfundamento ao capitalismo estrangeiro". Depois, a FSP faz profissão de fé da sua pobreza franciscana comparada com a opulência de outros partidos: "só os partidos que têm dinheiro podem fazer propaganda. E esta propaganda não se faz de borla!"

Após esta verdade à La Palisse, passemos a outros partidos.

O PS e o MPD-CDE não fazem ataques. O MDP talvez por ser o

filho dilecto não se refere ao PCP (nem a outros, talvez porque disso se encarregaram os seus manos mais novos a FSP e a LCI.

O PS, muito mansinho, não responde a provocações, talvez por ainda não ter decidido quem vai ser o seu aliado na governação: o PCP ou o PPD.

Esta desordem choca muito os defensores da ordem que agora vestidos de roupas democráticas vêm falar ao coração do povo português, naturalmente bom, bla-bla-bla. É para terminar que vamos realçar a humildade cristã do cristão CDS, que se apresenta (à boa maneira fascista) como campeão da ordem: "Sofremos a violência porque certas minorias activistas não nos perdoam a serenidade, a profundidade e a honestidade da nossa mensagem: porque sabem que ela toca o coração e a inteligência dos portugueses".

E com esta mensagem de amor evangélico (quantas foram feitas ao longo deste último meio século!) terminamos a crónica de mais um árduo dia de luta "revolucionária".



# AS COMISSÕES DE EMPRESA

A revolução proletária não é um movimento arbitrário de uma organização que se diz revolucionária nem de um sistema de organizações que se intitulam a si mesmas revolucionárias. *Revolução proletária* é um amplo processo histórico que se verifica quando surgem ou se desenvolvem determinadas forças produtivas (que nós resumimos na expressão "proletariado") num determinado ambiente histórico (que resumimos nas expressões: "modo de propriedade individual, modo de produção capitalista, organização de fábrica, modo de organização da sociedade no estado democrático-parlamentar"). Numa determinada fase deste processo, as novas forças produtivas já não podem desenvolver-se nem organizar-se de maneira autónoma dentro dos planos oficiais em que se desenvolve a convivência humana. Nesta fase determinada se produz, pois, a luta revolucionária; luta que consiste num esforço directo para romper violentamente estes planos, para destruir toda a organização do poder económico e político no qual eram opressivamente mantidas as forças produtivas revolucionárias; luta que se situa num esforço directo para destruir a máquina do Estado burguês e para construir um tipo de Estado em cujo seio as forças produtivas libertadas encontrem a forma adequada para o seu posterior desenvolvimento, para a sua posterior expansão, assim como também para reforçar-se com a força suficiente para suprimir os seus adversários.

O processo real da revolução proletária não pode ser identificado com o desenvolvimento e acção de organizações revolucionárias do tipo voluntário e contractual, tais como o partido político e os sindicatos profissionais; organizações estas, nascidas no campo da democracia burguesa, da liberdade política como consolidação e desenvolvimento dessa mesma liberdade. Tais organizações, enquanto encarnam uma doutrina que interpreta o processo revolucionário cujo desenvolvimento prevêem (dentro de certos limites de probabilidade histórica), enquanto consideradas pelas grandes massas como falso reflexo pouco nítido e como sua organização governativa embrionária, são na actualidade e cada dia o serão mais, os agentes directos e responsáveis dos sucessivos movimentos de libertação que toda a classe trabalhadora tratará de realizar em todo o desenrolar do processo revolucionário. Mas todavia não encarnam esse processo, não superam de modo nenhum o Estado burguês, não abarcam nem podem abarcar toda a multiplicidade das forças revolucionárias que o

capitalismo desencadeia na sua inexorável máquina de exploração e de opressão.

Durante o domínio económico e político da classe burguesa, o desenvolvimento real do processo revolucionário verifica-se de maneira subterrânea, na obscuridade da fábrica, e na obscuridade da consciência das grandes multidões que o capitalismo tem submetido às suas leis. Tal processo não é controlável nem documentável, só o será no futuro quando os elementos que o constituem (os sentimentos, as veleidades, os hábitos, os germes da iniciativa e dos costumes) se tenham desenvolvido e purificado acompanhando o desenvolvimento da sociedade ao compasso do desenvolvimento da situação que a classe operária vem ocupando no campo da produção. As organizações revolucionárias (o partido político e o sindicato profissional) que nasceram no campo da liberdade política, no campo da democracia burguesa, como afirmação e desenvolvimento da liberdade e da democracia em geral, num terreno em que subsistem as relações de pessoa a pessoa. O processo revolucionário verifica-se no campo da produção, na fábrica, cujas relações são de opressor e oprimido, de explorador e explorado, onde não existe liberdade para o operário nem tão pouca democracia. O processo revolucionário verifica-se onde o operário não é nada e quer ser tudo, onde o poder do proprietário é ilimitado, é um poder de vida e morte sobre o operário, sobre a mulher do operário, sobre os filhos do operário.

Na fase liberal do processo histórico da classe burguesa, a célula elementar do Estado estava constituída pelo proprietário, que na fábrica subjuga em proveito próprio a classe operária. Na fase liberal o proprietário era ao mesmo tempo empresário e industrial: o poder industrial, a fonte do poder industrial era a fábrica e o operário não conseguia libertar a sua consciência da ideia da necessidade do proprietário, cuja pessoa se identificava com a do industrial, com a do gestor responsável da produção e por conseguinte, também do seu salário, do seu pão, do seu vestuário, da sua casa.

Na fase imperialista do processo histórico da classe burguesa, o poder industrial de toda a fábrica permanece fora desta e se encontra nas mãos de um trust, de um monopólio de um banco, da burocracia estatal. O poder industrial torna-se irresponsável e por conseguinte mais autocrático, mais desapiadado mais arbitrário; mas o operário, liberto do respeito ao

chefe, liberto do espírito servil de hierarquia, impellido também pelas novas condições gerais nas quais a sociedade se encontra, independentemente da nova fase histórica, o operário, repetimos, realiza consideráveis conquistas de autonomia e de iniciativa.

Na fábrica, a classe operária converte-se num determinado "instrumento de produção" dentro de uma determinada constituição orgânica; todo o operário entra "casualmente" a fazer parte deste corpo constituído: casualmente por afectar a sua vontade, mas não casualmente porque faz referência aos fins do seu trabalho, pois que ele supõe uma necessidade determinada do processo de trabalho e de produção, e só por isso é contratado, só por isso pode ganhar o pão: ele é assim engrenado na máquina de divisão do trabalho, da classe operária assim determinada como instrumento de produção. Se o operário adquire consciência clara de esta sua

sociedade comunista do mundo organizado sobre a base, sobre o tipo da grande fábrica mecânica, da Internacional comunista, em que todo o povo, toda a humanidade adquire personalidade e figura enquanto realiza uma determinada e proeminente produção e não enquanto está organizada em forma de Estado e possui determinadas fronteiras.

Enquanto se constrói este organismo representativo na realidade a classe operária realiza a expropriação da primeira máquina, do instrumento de produção mais importante: a classe operária mesmo que se tenha encontrado a si mesma, que tenha adquirido consciência da sua unidade orgânica e que unitariamente se contraponha ao capitalismo. A classe operária confirma assim que o poder industrial, que a fonte do poder industrial deva voltar à fábrica, coloca novamente a fábrica — do ponto de vista operário — como base na qual a classe

processo histórico que deve culminar na Internacional comunista, não já como organização política do proletariado revolucionário, nem como reorganização da economia mundial e como reorganização de toda a conveniência humana, tanto nacional como internacional. Toda a acção revolucionária actual tem um valor historicamente real enquanto se adquire um tal processo, enquanto está concedida para ser e é, um acto de deliberação deste processo das superestruturas burguesas que o constroem e os estorvam.

As relações que devem existir entre o partido político e a Comissão de fábrica, entre o sindicato e esta mesma Comissão nascem implicitamente desta explicação: *nem o partido nem o sindicato devem ser colocados como dirigentes nem como superestruturas já constituídas desta nova instituição, na qual toma forma histórica controlável o processo histórico da revolução;*



«necessidade determinada» e a coloca na base de um organismo representativo de tipo estatal (é desejo, não voluntário, contractual, mas absoluto, orgânico, inerente a uma realidade que é necessário reconhecer, se se quer ter assegurado o pão, o vestuário, a casa: a produção industrial); se o operário, se a classe operária tem força, pode dizer-se que tem uma coisa grandiosa, que inicia uma nova história, que inicia a era dos Estados operários, Estados que deverão desembocar na formação da

operária se constitui em corpo orgânico determinado como célula dum Estado novo, o Estado operário, como base de um novo sistema representativo: a organização das Comissões. O Estado operário, visto que nasce de acordo com uma configuração produtiva, cria já as condições do novo desenvolvimento, da sua dissolução como tal Estado, da sua incorporação orgânica num sistema mundial: a Internacional comunista..... O Conselho operário da fábrica é a primeira célula dum

sem que devam ser instalados como agentes conscientes da sua deliberação por forças de pressão que se resumem no Estado burguês, devem propor-se organizar as condições externas gerais (políticas) nas quais o processo (da) revolução adquire a sua máxima dinamização, nas quais as forças produtivas libertas encontram a máxima expansão.



# Universidade Proletária Ernesto e Luís

A Universidade Proletária Ernesto e Luís tem este nome em homenagem a Ernesto e Luís, pseudónimos de dois operários militantes das Brigadas Revolucionárias, mortos no decurso duma acção a 8 de Março de 1973.

A Universidade Proletária será o contrário da Universidade clássica destinada aos filhos da burguesia; nesta os descendentes dos burgueses estudam o necessário para continuar a dominar, além de económica, tecnicamente, os filhos do proletariado. Na Universidade burguesa tradicional, além do mais, a teoria e a prática que se estudam estão postas numa perspectiva de classe da burguesia.

A Universidade Proletária destina-se à aprendizagem teórico-prática que possa servir de instrumento à classe operária no decurso do processo revolucionário.

A aprendizagem da Universidade Proletária será feita à base do materialismo histórico e do materialismo dialéctico, aplicados ao estudo da história do movimento operário e será um instrumento para a conjugação entre a teoria e a prática.

O conhecimento teórico-prático adquirido nesta Universidade será construído na perspectiva da sua utilização pela classe operária no sentido da tomada do poder para a instauração da sociedade socialista. Esta tomada do poder resultará necessariamente dum confronto violento com a burguesia (sem o qual esta não será derrotada), para o que o proletariado terá de estar preparado e organizado (daí também a inclusão da disciplina "A violência no Processo Revolucionário").

Para além de conferir conhecimento à classe operária esta Universidade destina-se à criação colectiva duma nova teoria. Ao processo revolucionário que se iniciou no 25 de Abril, às lutas operárias que desde aí se desencadearam, oferecendo aspectos novos e criadores, que podem transformar a relação de forças mundial, a esta no va prática, não tem correspondido uma nova teoria. Porque entendemos que a teoria de Marx, Engels, Lenine, Mao, Trotsky, Rosa Luxemburgo e outros não pode servir como fórmula mágica sagrada que se aplique a todas as realidades, duma forma religiosa. A contribuição desses homens e mulheres foi decisiva para a história do movimento operário, mas assim como eles se debruçaram sobre a realidade do seu tempo interpretando-a, assim necessitamos de interpretar teoricamente a realidade do nosso tempo. Este é portanto um corte com o passado que é necessário fazer. Mas não chega - é preciso que os novos criadores de teoria, os novos teóricos não sejam os intelectuais, mesmo os que estão integrados no proletariado. Os novos criadores da teoria terão de nascer da classe operária, terão de ser aqueles, que têm a prática revolucionária, que se confrontam diariamente na luta contra a burguesia. Este é um novo aspecto de corte com o passado.

Em consequência destes objectivos, as matérias ensinadas não serão as clássicas, mas exclusivamente políticas - Economia, Sociologia, História do Movimento Operário, Filosofia, Psiquiatria, Violência no Processo Revolucionário, Artes Marciais, Sindicalismo, Gestão, Estratégia Militar, Informação e Comunicação Social (cinema, rádio, fotografia, artes plásticas, jornalismo). Inclui-se nesta lista a Saúde e Psiquiatria, por entendermos que ao nível dos conceitos de saúde e de psiquiatria (conceito de "normalidade", de "doença", de relação médico-doente) há que revolucionar tudo. Incluem-se técnicas de Gestão, por se entender, que caminhando o país para a socialização dos grandes meios de produção só existirá socialismo quando as empresas forem dirigidas por comissões eleitas pelos trabalhadores para fiscalizar e gerir.

De acordo também com os objectivos da Universidade a relação professor (ou integrador) - aluno tem de ser de aprendizagem mutua, pondo-se a hipótese de professores colectivos.

Como é óbvio não serão necessárias quaisquer habilitações para a frequência desta Universidade, mas também não serão feitos exames, nem conferidos diplomas. Quem tiver a ideia de frequentar esta Universidade para a sua promoção social, para subir de lugar ou mudar de emprego, é melhor não se inscrever. Depressa perceberá que está enganado.

Esta Universidade destina-se a trabalhadores e só excepcionalmente se aceitarão estudantes. Não será portanto palco de estafadas e académicas discussões ideológicas. Quem se inscrever para esse efeito também depressa perceberá que está enganado.

A Universidade Proletária Ernesto e Luís é um centro revolucionário ao serviço do proletariado e da revolução.

## A abertura da Universidade Proletária Ernesto e Luís

### UM MARCO NA LUTA CONTRA A CULTURA BURGUESA

Quando se fala de cultura, existe uma tendência generalizada para dissociar da classe ao serviço da qual foi produzida, como se a arte, a investigação científica, a literatura, a Universidade de um dado momento histórico pairassem acima da luta de classes e se situassem fora das contingências desse momento histórico, como se a cultura constituísse um «património comum da humanidade» e não fosse, agora como sempre, um instrumento do grupo social que a organizou. Embora, na realidade, uma classe dominante surja sempre a partir da estrutura económica anterior como expressão de desenvolvimento dessa estrutura e, do mesmo modo, a cultura de uma nova sociedade se desenvolva a partir de categorias intelectuais pré-existentes, uma classe que ascende ao poder imprime a essa herança a sua marca, dando-lhe um novo conteúdo.

Quando se fala de cultura, existe uma tendência generalizada para dissociar da classe ao serviço da qual foi produzida, como se a arte, a investigação científica, a literatura, a Universidade de um dado momento histórico pairassem acima da luta de classes e se situassem fora das contingências desse momento histórico, como se a cultura constituísse um «património comum da humanidade» e não fosse, agora como sempre, um instrumento do grupo social que a organizou. Embora, na realidade, uma classe dominante surja sempre a partir da estrutura económica anterior como expressão de desenvolvimento dessa estrutura e, do mesmo modo, a cultura de uma nova sociedade se desenvolva a partir de categorias intelectuais pré-existentes, uma classe que ascende ao poder imprime a essa herança a sua marca, dando-lhe um novo conteúdo.

De uma perspectiva revolucionária, é impensável que em ditadura do proletariado as estruturas culturais existentes se mantenham, mesmo que submetidas a reformas mais ou menos radicais. Não se trata, para os revolucionários, de reformar a cultura burguesa, trata-se de destruir a partir dos alicerces e de implantar uma nova cultura - a cultura proletária, ao serviço do proletariado e da sua ditadura, um instrumento do poder operário, tal como a cultura burguesa constitui uma força repressiva do Capitalismo (mesmo quando o contesta).

Um dos aspectos em que a repressão cultural da burguesia se tem exercido é justamente na dogmatização de um conceito classista de intelectual. De acordo com esse conceito, existe um grupo que na sociedade se ocupa das tarefas intelectuais, isto é, de pensar por todos, como se na realidade os trabalhadores não passassem de gorilas amestrados e as tarefas aparentemente mais simples não exigissem um esforço intelectual. Na verdade, o operário não se caracteriza especificamente pelo trabalho manual ou ins-

trumental, mas por este trabalho realizado em determinadas condições e em determinadas relações sociais. O chamado trabalho «puramente físico» não passa, portanto, de uma ficção criada pelo capitalismo. Todos os homens são intelectuais; o que sucede é que no quadro da sociedade capitalista só a alguns é atribuída a função de pensar.

A Universidade tem cabido o papel de formar os «intelectuais» destinados a cumprir a tarefa de pensar por determinados sectores específicos. E mais, verifica-se que o papel da Universidade transcendeu o plano puramente prático da formação dos quadros do sistema, para atingir um plano mítico, sucedâneo do espaço preenchido pela nobreza na sociedade anterior - é frequente verificar-se a situação aberrante de licenciados em Letras ocuparem cargos administrativos para os quais a sua licenciatura obviamente não os preparou.

A Universidade burguesa e capitalista tem sido um órgão de opressão dos trabalhadores, na medida em que proporciona à classe dominante laiaios qualificados, capatazes revestidos de um prestígio mitológico, que empunhando o chicote da cultura oprimem o proletariado. E não esqueçamos que são os trabalhadores que pagam as universidades e os professores, que suportam a carga da improdutividade das dezenas de milhares de futuros «doutores».

A abertura da Universidade Proletária Ernesto e Luís significa um primeiro passo na construção de uma alternativa revolucionária à Universidade burguesa. Só uma Universidade proletária poderá proporcionar à classe quadros isentos dos vícios da cultura burguesa.

O caminho para a Revolução Socialista passa pela luta contra as estruturas culturais do capitalismo. A criação de centros de cultura operária e de universidades proletárias é uma das tarefas a que os revolucionários se devem impor.





# ALCOENTRE — QUINTA DA FERRARIA DA OCUPAÇÃO À COOPERATIVA

Passado algum tempo sobre a ocupação da antiga propriedade do Duque de Lafões, os camponeses de Casais das Boiças, dão-nos mais alguns elementos sobre o que foi aquela quinta, e o que neste momento eles querem que ela seja.

Encontrámo-los a cultivar as novas terras com uma vontade firme de vencer. No entanto eles precisam também de máquinas e de dinheiro para poderem continuar o seu trabalho.

Está já em preparação a cooperativa que lhes dará a organização necessária para a exploração daqueles terrenos.

## COMO A CASA DE LAFÕES SE APROPRIOU DA TERRA

Espalhando marcos à volta da propriedade, tentando depois saber qual seria a reacção do povo, sabendo que esse mesmo povo a princípio não aceitou aquela atitude mas que depois adormeceu motivada pela situação política naquela altura, mais não restava ao Duque de Lafões como grande latifundiário protegido pelo governo, do que colocar aqueles mesmos marcos ficando de posse da terra a partir daquela data (1914-15).

Tendo sido anos depois arrendada a Joaquim Lima (casado com a filha do Duque), este passou a cultivar a terra que era mais fácil e concerteza de melhor rendimento, deixando a terra mais difícil onde as máquinas não podiam ir para os pequenos agricultores. Estes depois de terem feito a drenagem da terra, de a terem cultivado ao fim de 5 anos são postos na rua pelo sr. Lima Monteiro. A terra cultivada, deixa de o ser e passa a partir daquela data a ser um baldio ou então terra de eucaliptos.

## 22 DE FEVEREIRO — OCUPAÇÃO

Mas a 22 de Fevereiro deste ano os camponeses decidem em assembleia, ocupar a Quinta da Ferraria. A partir daí, grandes trans-

formações se dão nas pessoas que se empenharam no processo. As posições individualistas de alguns que pertenciam dividir a terra são depressa vencidas pela ideia da criação duma cooperativa. Assim, os camponeses voltam às terras que tinham desbravado mas desta feita trabalhando-a em moldes bem diferentes. É a partir daqui que surge a necessidade de recorrerem aos organismos oficiais.



## O IRA — AS BUROCRACIAS CONTINUAM

Recorreram ao IRA para que lhes fosse concedido um subsídio e apoio técnico. Para saber da razão deste subsídio, deslocaram-se a Alcoentre dois técnicos a fim de analisarem o terreno e saberem se este era bom para a agricultura. Deram também alguns conselhos técnicos aos trabalhadores, que estes muitas vezes não os aceitaram por terem conhecimento prático daquelas terras e acharem inaceitável a proposta de, por exemplo, manter eucaliptos em zonas que, segundo os camponeses são boas para pão. Durante anos e anos foram eles que cultivaram e por isso sabem perfeitamente o que elas podem dar. Neste momento é urgente que os problemas legais se resolvam e com o apoio técnico (em máquinas sobretudo) e financeiro chegue à Quinta da Ferraria o mais rapidamente possível. Da forma como estão a actuar, com os problemas

que levantam só atrasam o processo.

A planificação necessária virá depois. Mas para já é necessário desenvolver a capacidade de iniciativa dos camponeses, até porque são as suas necessidades mais prementes que estão em causa. Não se pode esperar por eleições para se resolver problemas que são prementes.

Os camponeses de Alcoentre já

decidiram. "Isto de ocupar terras se não as cultivam fica tudo na mesma. Temos de ir para a frente e não esperar mais tempo."

## AS MÁQUINAS DA COLÓNIA PENAL

Enquanto o dinheiro vem e não vem, enquanto as máquinas não aparecerem, os camponeses começaram a trabalhar as terras e a semear batatas. E despenderam para já, cerca de trinta contos numa máquina que tiveram de alugar.

pertencentes à Colónia Penal continuam paradas a criar ferrugem.

Como o IRA diz não poder interferir nisso, porque as máquinas estão debaixo da alçada do Ministério da Justiça, perguntamos: que pensará o senhor Salgado Zenha fazer daquelas máquinas? E dos terrenos inaproveitados da Colónia Penal?

Se calhar o Ministério da Justiça também nada pode fazer, porque não tem nada a ver com agricultura...

## EUCALIPTOS EM TERRA FÉRTIL?

Mas um dos temas em que a discussão foi mais acesa com os técnicos do IRA foi o dos eucaliptos. Como muitos outros latifundiários, o dono da Ferraria para não ter de empregar pessoal para trabalhar a terra, de conluio com os serviços florestais, mandou plantar eucaliptos de qualquer maneira, sem ter em conta a variedade do terreno.



Assim, eucaliptos plantados no mesmo ano têm diferenças no crescimento. Nos terrenos de regadio, como é natural, estão bastante desenvolvidos mas

estorvo com o qual têm de acabar. É essa a sua firme disposição, embora o IRA e os serviços florestais não se mostrem muito receptivos, apesar de terem



o que é certo é que ocupam terras que podem e devem levar outras culturas como o feijão e o milho. Nas encostas, os eucaliptos enfiados, estão a ocupar a terra que deveria ser para o pão.

Os trabalhadores já tinham semeado a terra há alguns anos, sabem bem como ela é fértil, e que neste momento o eucalipto é um

reconhecido que em alguns casos se deveriam cortar eucaliptos.

A burocracia e a falta de conhecimentos da situação real, levam esses organismos oficiais a tomarem essas posições. É pois natural que os trabalhadores venham a ter de passar por cima dos pareceres desses senhores, e irem muito mais além.

## COMÍCIOS A REALIZAR PELO PRP-BR

### 11 DE ABRIL

BARREIRO — Quinta da Lomba, no Clube Galitos, às 21.30 h.  
VIANA DO ALENTEJO — Câmara Velha, às 21.30 h.  
SACAVÉM — Academia Recreativa Musical, às 21 h.

### 12 DE ABRIL

ÉVORA — FNAT, às 21.30 h.  
SETÚBAL — às 21.30 h.

### 13 DE ABRIL

LISBOA — Clube Atlético de Campo de Ourique, às 21.30 h.

### 16 DE ABRIL

VIANA DO CASTELO — Teatro Sá de Miranda, às 21.30 h.





## COVA DA PIEDADE

OCUPAÇÃO DE TERRAS  
EM ALAGOA

A um passo de Lisboa (Alagoa-Cova da Piedade), logo após a portagem sul houve uma ocupação de terras que já não eram cultivadas há alguns anos e que pelas suas características apenas poderiam conduzir a um tipo de agricultura de subsistência. Nessa ocupação participaram famílias que vivem em condições precárias e para as quais, o actual aumento do custo de vida as levou a tomar esta atitude revolucionária, a qual se pode igualmente considerar como um incentivo, para que outras famílias venham a enveredar pela ocupação de pequenas faixas de terra abandonadas e que lhes proporcionará minorar em parte as despesas em produtos hortícolas.

Revolução deslocou-se à Quinta da Alagoa onde teve a oportunidade de verificar as condições de habitação dessa gente e de falar com o primeiro ocupante das terras, o Sr. Parente, o qual por sua vez cedeu terreno ocupado por si a outras famílias amigas que estão nas mesmas condições.

Encontrámo-lo na sua "casa", (se por acaso se pode chamar casa a um cubículo quadrado de 3,5m de lado por 2,5 de altura, em que habita com a sua mulher e dois filhos e que serve de cozinha e casa de jantar e pelo qual paga 250\$00 mensais). Ao lado da "casa" um pequeno quintal em que corre um fio de água inquinada no qual conseguimos ver alguns vermes.

tidades oficiais sobre a ocupação das terras?

RESPOSTA — Já falei na Câmara e com as Forças Armadas e eles disseram-me para me deixar estar até aparecer o dono para tratar do arrendamento

REVOLUÇÃO: Sabe o tamanho das terras que ocupou?

RESPOSTA — Não sei ao certo porque aquilo ainda ali tem muito terreno e no outro lado da auto-estrada (Quinta do Dr. Resende Elvas, que não é cultivada há alguns anos), também há bastante terreno que se tiver tempo e pessoas dispostas a isso, ainda lá hei-de ir fazer o cultivo.

REVOLUÇÃO: Quantas famílias estão actualmente a trabalhar nas suas terras ocupadas?

RESPOSTA — São quatro famílias e entre todas devem ser cerca de quinze pessoas.

REVOLUÇÃO: Sr. Parente, para finalizar gostávamos de saber se num futuro, que esperamos seja próximo, tiver sobras da produção depois de abastecer a sua casa, o que pensa fazer delas?

RESPOSTA — Tenho para aí família a quem dar e se possível venderei aí na Alagoa a um preço mais barato claro!



REVOLUÇÃO: Porque é que abandonou o seu trabalho de pedreiro para ocupar estas terras?

RESPOSTA — Antes de mais quero dizer que já ocupei aquelas terras há cerca de 3 meses, mas só abandonei o meu trabalho de pedreiro há coisa de um mês porque não era certo. Havia dias em que não havia trabalho e como tal não ganhava. Ora assim não se podia viver com uma fêria diária de 135\$00, mulher em casa doente e dois filhos para criar. Em virtude de tal situação se ter vindo a arrastar, há cerca de três meses decidi ocupar aquelas terras em que trabalhei durante os dois primeiros meses (depois do meu dia de trabalho), muitas vezes até às 3H. da manhã, e actualmente deixei mesmo de trabalhar na obra e passei a ocupar o dia inteiro na cultura das terras ocupadas.

REVOLUÇÃO: Acha que não trabalhando na obra, o que consegue tirar da terra dá para viver?

RESPOSTA — Só posso saber isso daqui por dois ou quatro meses, altura em que começará a produzir as sementes e o suor que deitei na terra. Enquanto isso e

como já estamos habituados a esta miséria de vida, cá nos vamos aguentando.

REVOLUÇÃO: Já houve algum contacto para arrendamento da terra?

RESPOSTA — Até à data a mim não me apareceu ninguém mas à minha mulher apareceu-lhe um tipo chamado Zê Poeta dizendo que era o dono. Mas ela está aqui e conta-lhe o que se passou.

REVOLUÇÃO: Minha senhora pode-nos contar o que se passou?

RESPOSTA — Pois esse Sr. Poeta disse-me que era o dono das terras e então eu disse-lhe que dali não sairíamos mas se ele era realmente o dono das terras que nós passasse o arrendamento que nós não nos importávamos de lhe pagar a renda das mesmas. Ele então puxou de uma pistola dizendo que o arrendamento dele era aquela pistola. Depois da ameaça foi-se embora dizendo que havia de lá voltar mas até à data não tornou a aparecer.

REVOLUÇÃO: Senhor Parente, já contactou com algumas en-

## COMUNICADO

TODOS COM OS  
TRABALHADORES DA TAP

Desencadear uma luta de trabalhadores não é uma tarefa fácil.

Seja qual for o sistema político e económico em vigor, essa luta tem de ter como guia uma perspectiva correcta de luta de classe e, simultaneamente, implica muito espírito de sacrifício e muita audácia na sua execução.

Na TAP, os homens e mulheres que ali vendem a sua força de trabalho, têm anos de prática de luta, tomaram consciência da sua situação e sobre ela reflectiram.

A sua luta começou em Julho/Agosto de 1970, passou pela repressão sangrenta de Julho de 1973, continuou na ocupação militar de Setembro de 1974, até atingir a fase actual, ou seja, Março/Abril de 1975.

Certamente que neste processo houve avanços e recuos, erros e correcções, mas basta atentar na gradual transformação do seu programa e do seu caderno reivindicativo para termos a noção de que se trata de um combate que evoluiu e que assumiu um novo conteúdo.

COMEÇO DA LUTA  
NA TAP

Desde a primeira fase Julho/Agosto de 1970 — em que a sua luta se punha ao nível meramente salarial —, até aos dias de hoje, cujo caderno reivindicativo centra essa luta em aspectos que conduzem ao controlo da empresa pelos trabalhadores, o caminho andado é notável. É a distância que separa cem ou mais anos de lutas sindicais no nosso País.

Contrariamente ao que diz a Direcção do nosso Sindicato e os

87 associados que votaram a proposta anti-greve na Assembleia de 20.3.75, foram 6000 trabalhadores da TAP e não "minorias" que disseram e dizem SIM a esse programa de luta, devidamente escalonado e que culminará em 21 de Abril com uma greve, se, entretanto, não forem satisfeitas as suas justas reivindicações cuja prioridade é a seguinte:

- Saneamento
- Apuramento dos responsáveis de Julho de 1973
- Fiscalização de actos de sabotagem económica
- Levantamento de sanções militares aplicadas a trabalhadores
- Não permitir despedimentos
- Eliminação de horas extraordinárias
- Reivindicações salariais

É pois um combate que merece o nosso respeito e apoio e não a sua condenação, como faz a Direcção do nosso Sindicato em comunicado de 17.3.75, a pretexto de que "por outro lado ao ser deliberado no dia 12, desencadear uma greve a iniciar-se no próximo dia 21 de Abril, sem se saber pois as condições objectivas e subjectivas existentes na empresa e no País nessa data, está-se a considerar a greve como um fim e não como um meio".

Confessar que se desconhecem ou que não é possível conhecer as condições objectivas e subjectivas existentes nessa data, quer na TAP quer em todo o País, é confessar uma total ignorância sobre o processo político em curso e qual a perspectiva do seu desenvolvimento a tão curto prazo.

Da parte da Direcção de um Sindicato, tal afirmação é grave. E mesmo perigosíssima.

Estamos de facto perante uma Direcção que não sabe em que sociedade vivemos, qual o sistema dominante em Portugal e que desconhece em absoluto que numa sociedade dividida em classes, como a nossa, a luta de classes é o motor da História.

A GREVE  
UMA FORMA DE LUTA  
PACÍFICA

Tanta ignorância ou desprezo pela realidade objectiva, significa que os trabalhadores do nosso Sindicato estão à mercê de dirigentes sem o mínimo de cultura política, sem consciência de classe e irremediavelmente impregnados de concepções de raiz pequeno-burguesa, portanto reformistas e colaboracionistas. A greve é uma forma de luta pacífica. No caso da TAP, ela culminará um processo de lutas intermédias que duram há meses e será uma forma superior de luta pacífica, numa fase pacífica do processo revolucionário que vivemos em Portugal.

A sua greve, ao contrário do que diz também a Intersindical, não é "alguns dos aspectos mais significativos da orquestrada campanha contra-revolucionária verificada nos últimos tempos".

É assim, pelas suas implicações num sector económico de ponta, pelo volume de massas trabalhadoras que movimenta e pelas perspectivas que oferece de saneamento e controlo de uma grande empresa pelos trabalhadores, um exemplo para ser estudado e analisado.



# CARTAZES DA CAMPANHA

Os cartazes desta campanha eleitoral denotam bem o seu conteúdo político. Todos eles são pobres, medíocres de qualidade. Denotam uma falta de imaginação notável e assemelham-se estranhamente uns aos outros. Curiosamente há palavras que não escapam nos cartazes — liberdade, socialismo, democracia... — sejam de que partido for. Entretanto há

duas expressões que não encontramos em nenhum cartaz do Partido Comunista e que são... **COMUNISMO** e **CLASSE OPERÁRIA**. Assim se procura conquistar eleitorado, assim vêm à tona as verdadeiras intenções. E que a expressão "classe operária" não assusta um determinado grupo social — a classe operária... Assusta os outros. Mas com quem é

que se quer estar? Quanto aos partidos que não têm fontes de financiamento, esses nem sequer aparecem nas paredes. Os menos elucidados politicamente dirão que é por serem mais "fracos", por terem "menos adeptos" e não perceberão que isto são conceitos metafísicos perante a realidade concreta, que é muito palpável — o dinheiro.



Falta de imaginação, ou coincidência a mais...



A terceira idade também vota... é necessário conquistar estes votos. É necessário apelar à compaixão. Nisto os partidos coincidem. Mas nas leis deste Governo Provisório os reformados, os velhos, continuam a ser desprezados!



O apelo aos sentimentos egoístas, a imagem da famíliazinha burguesa que está nos sonhos alienados de cada um são bem a síntese do reformismo.



## UMA SÓ VIA SOCIALIZAR EM VEZ

### Os reformistas e as eleições no pós-11 de Março

Se já até aqui os reformistas, nomeadamente o PC, se esmeravam na defesa da «ordem democrática» capitalista (são os próprios trabalhadores, como recentemente aconteceu com os metalúrgicos de Lisboa, que acusam o PC de fazer um trabalho de polícia) é bem certo (e os primeiros sinais aí estão no comunicado assinado pelo próprio Comité Central) que irão levar esse esmero até ao requinte. A traição vai consumir-se.

O importante, porém, é que o proletariado, nomeadamente as suas fracções mais avançadas, não se dêixe iludir pela teia de promessas reformistas, o que, a verificar-se, poderia muito bem ser o princípio do fim do actual processo revolucionário. Acreditar que é possível debelar a crise económica com a simples nacionalização dos monopólios, acreditar que é possível estabilizar a vida económica, social e política do país, é prescindir de um trabalho revolucionário que urge desenvolver, é deixar espaço aberto por onde se infiltrarão o Capital e a reacção. A instabilidade vai acentuar-se e o mais grave é que a reacção não o desconhece e trabalhará para o golpe. Poderá então ser tarde de mais para o proletariado se este se deixar iludir por uma análise cujo falhanço é por de mais notório desde o 25 de Abril a essa parte.

Acontece até que as eleições vão desviar ainda mais para a direita aqueles que já há muito abandonaram o terreno do proletariado e da Revolução Socialista. O PC, pela voz do seu candidato a «deputadíssimo» Blanqui Teixeira, dá o primeiro sinal quando o dito candidato afirma que o PC apenas defende a nacionalização dos principais meios de produção e aceita a propriedade individual, dizendo mesmo que os pequenos e médios agricultores nunca perderão o direito às suas terras, mas antes as poderão ver aumentadas com a distribuição das que forem expropriadas aos grandes latifúndios. E não nos admiremos, já que este é apenas o pontapé de saída de todo um jogo de

promessas e concessões... troca de meia dúzia de votos possível (que bom que era!), quantas cadeiras em S. Bento.

Estamos no auge do reformismo e a defesa intransigente do levará PC e quijandos a uma cada vez mais clara conservadora, caciqueira, social-democrata. As eleições passarão ser utilizadas nesses ser através do convite às massas trabalhadoras para se remeterem a papel passivo, através do convite à deposição da conduta do pro nas mãos de «eleitos», destine eles a S. Bento, destinem-se a criação dum poder proletário fantoche emanado de «Assembleias Populares» convocadas controladas por partidos políticos com o objectivo de desviar trabalhadores do local onde cobra o poder proletário: a empres

### Uma só via — Socializar em vez de votar

Estas as razões por que batemos intransigentemente contra a simples realização das eleições. Esta a razão pela qual não participamos nas eleições. Particularmente seria, por si só, caucionar uma profundamente contra-revolucionário, porquanto a realização-se, as eleições serão o primeiro acto de legitimação e

... E QUE O



Mas vamos a ver se até ao fim da campanha não perde a bandeira, ou a estrela...



# VOTAR

# RECORTES DA CAMPANHA

P.C.

P.C.

P.P.D.

lançamento do candidato a futuro Pinochet português.

Perder tempo, meios e energias numa campanha eleitoral é, para além de desviar os trabalhadores da única via através da qual se poderão libertar, uma forma de se perder definitivamente o barco, sobretudo no momento em que as próprias direitas consideram como primordial a sua preparação para o confronto que não tardará.

A Revolução Socialista, têm-lo dito, está na ordem do dia. As eleições podem vir a ser, caso os trabalhadores se deixem envolver numa estéril e demagógica luta entre listas e promessas (prometer é fácil e traz voto consigo), o instrumento de que se servirá o Capital para desfechar o seu golpe. Por isso a tarefa é organizar na luta e para a luta, é preparar os revolucionários e os trabalhadores (fardados ou não) para conquistar todo o terreno possível à burguesia e à reacção, para imporem a sua legalidade, para alargarem e cimentarem o seu poder, para recuperar todos os meios possíveis.

A tarefa não é votar, a tarefa é ocupar casas e campos, é impor nacionalizações sem indemnização, é socializar as empresas e campos nacionalizados, é impor severo saneamento, é exigir a verdade sobre o 28 de Setembro e o 11 de Março saneamento de todos os implicados, é recuperar todos os meios para uma guerra cuja última batalha será o confronto decisivo.

grandes tarefas a emprender (a reforma agrária, as nacionalizações e os saneamentos) e ao importante papel a desempenhar pelas mulheres trabalhadoras, no processo revolucionário.

Mário Castrim, o orador seguinte, acentuou que o P. C. P. foi a única voz que se fez ouvir no País, durante os 48 anos de fascismo, e o seu jornal, o «Avante!», o único que nunca foi à censura nem esteve condicionado aos grandes interesses do capital». Lembrou que o programa elaborado pelos comunistas portugueses, em 1965, já defendia a abolição da censura («há 10 anos e não há dez dias, como acontece com alguns partidos»); criticou as posições «partidárias e sectárias» assumidas recentemente pelo jornal «República» e bem assim o «Expresso» por constituir «uma aliança da social democracia com a turba dos fora-da-lei do M. R. P. P.»; mostrou-se surpreendido pela criação de mais um jornal «quando», disse, «o produto se encontra em crise»; e apelou para a vigilância de todos os trabalhadores da Informação e dos leitores, a fim de que a imprensa contribua para a consolidação da democracia.

António Marreiros, por sua vez, sublinhou a importância de serem

COMÍCIO DO PCP EM CASCAIS, 6-1-75

Um exemplo de tolerância e de verdade... Este rapaz não é nada sectário. os do MRPP é que são! Ou este também julga que é "a voz da classe operária"? São vozes... que apenas cantam de poleiro partidário.

... Onde ficamos a saber que os pequenos e médios industriais não são patrões. Grande novidade para os operários dessas fábricas! Assim compreenderão que ganham 3.300\$00 mas que não são explorados. E vivam as alianças de classe!

«A composição social das Universidades tem de se modificar radicalmente...»

CARLOS LUÍS FIGUEIRA EM COIMBRA, COMÍCIO DO P-C DE 5-1-75.

... Onde ficamos a saber que os pequenos e médios industriais não são patrões. Grande novidade para os operários dessas fábricas! Assim compreenderão que ganham 3.300\$00 mas que não são explorados. E vivam as alianças de classe!

«Não podemos entrar em saudosismos estereis pela perda, pelo menos a curto e médio prazo, da democracia formal com que sonhámos em Abril-Maio de 1974», foi uma das afirmações que milhares de pessoas, que enchem o Campo Pequeno, ouviram ontem durante um comício promovido pelo Partido Popular Democrático.

«Não era possível e talvez não fosse desejável, não pelo estafado argumento, de fascistas e outros, de que o povo não estava preparado, mas pela razão válida de que são precisos o poder real e a presença transitória de quem inicia um processo revolucionário para conseguir um país a implantação da via socialista de que esse país carece. Por outras palavras, sem o contributo de quem tem a força para fazer a revolução não há revolução.»

Situando-a, depois, no «contexto» do que é não do que deveria ser», Balsemão apresentou, depois, uma análise da situação do P. P. D. no...

P.P.D.

... Diz Pinto Balsemão no Comício do PPD no Campo Pequeno em 6-1-75

Para a esquerda, para a esquerda, para conquistar eleitorado. Ou as contradições da burguesia...

# IPANHA!



P.S.

«O P. S. propõe-se escl...»

Mário Soares, depois de se ter referido à necessidade da socialização da saúde, terminou afirmando que o P. S. quer um socialismo português e não um socialismo que seja cópia de qualquer outro país.

MÁRIO SOARES, EM VISEU, 6-1-75

Nacionalizando a banca deruba-se o capitalismo! Forma rápida e eficaz. Será este o socialismo português? Socialismo que meterá P.P.D., P.D.C. e outros. Eles governarão em nome dos trabalhadores. Enfim pluralista!

P.C.P.(m-l)

## O secretário-geral do P. C. P. (m. l.) encontra-se em Pequim

PEQUIM (P.P.) — A agência Nova China anunciou, na sexta-feira, que se encontra em Pequim, desde 3 do corrente, uma representação do Partido Comunista de Portugal (marxista-leninista), cuja sigla é P. C. P. (m. l.) dirigida pelo secretário-geral Vilar.

Keng Piao, membro do «Comité Central do Partido Comunista da China e chefe da secção das relações internacionais do referido «Comité», ofereceu um banquete em honra da delegação, na sexta-feira — informa ainda a agência.

IN DIÁRIO DE NOTÍCIAS DE 1-75

Que significará esta notícia para os vários grupos portugueses que se reclamam da China? Talvez as faça pensar na falibilidade dos dogmas, talvez os faça quebrar um pouco a rigidez religiosa com que analisam (ou não analisam) a realidade. Para um materialista não pode haver deuses nem santos.



# LUSITANA DE ÓPTICA

A luta dos trabalhadores da Lusitana de Óptica, uma fábrica com cerca de 70 operários, em Gondomar, visa essencialmente a garantia do direito ao trabalho e soube encontrar formas organizativas eficazes para responder às ameaças do capital. "Revolução" falou com dois trabalhadores.

— A fábrica pertence a sócios que não se entendiam muito bem porque um deles, que tem uma cota maior, punha e dispunha, esbanjava dinheiro, enfim, administrava a fábrica tão mal que mais tarde ou mais cedo acabava por ir à falência. Vendo isto, os outros sócios fundiram as quotas e correram-no da gerência. Então, ele tentou tudo para rebentar com a fábrica: roubou a parte principal da escrita, retirou máquinas para outra empresa sua e andou por aí a dizer que havia de destruir a fábrica nem que tivesse de lhe deitar fogo.

— Foi então que repararam que essa questão de gabinete vos poderia afectar...

— Exactamente. Sentimos logo que corríamos perigo, e já que a administração não actuou, actuamos nós porque o que se passava podia afectar-nos se não nos organizássemos rapidamente. Foi por isso que reunimos em Asseleia Geral onde elegemos uma Comissão de Trabalhadores e decidimos ocupar as instalações com piquetes toda a noite. Nos primeiros dias os piquetes eram voluntários e chegaram a ter cerca de 20 trabalhadores, depois passaram a ser rotativos de 4 elementos.

Estamos certos de que enquanto aqui ficar alguém de noite temos trabalho assegurado. Temos consciência de que precisamos de estar vigilantes para salvaguardar os nossos interesses.

*E os piquetes chegaram a ser necessários?*

— Ah, pois. Se não fossem eles a esta hora estávamos todos desempregados. É que no dia seguinte ele apareceu com a GNR para nos expulsar, mas nós não nos amedrontamos e a GNR acabou por se ir embora. Ele não desistiu e arranhou pessoal, com toda a certeza contratado, para nos intimidar. Apareceu aí com eles, tentaram arrombar o portão com o carro e assaltar a fábrica. Defendemo-nos como pudemos, atirámos vasos, disparámos os extintores de incêndio, etc. Mas a arma mais poderosa foi a sirene que serviu para alertar a população vizinha, que apesar de estar a dormir, compareceu toda e correu com os provocadores. O facto de termos utilizado a sirene fez com que as autoridades locais nos chamassem a atenção para a irregularidade dos alarmes falsos, porque segundo eles só quando há incêndio é que se devia usá-la. Mas nós estamos dispostos a tudo para nos defendermos.

*— Além do conflito com o outro sócio não existem problemas com a actual administração?*

— Antes do 25 de Abril aqui na fábrica toda a gente ganhava menos de 3.000\$00. Agora ganhamos todos o salário mínimo, excepto os aprendizes. Mas, por exemplo, eu não estou a receber todo o salário a que tenho direito e ou eles me dão ou faço barulho. Para mais não há Contrato Colectivo de Trabalho e só agora é que os sindicatos se estão a mexer nesse sentido. Também há o caso de até à altura da luta ninguém estar sindicalizado e só a partir de então é que os sindicatos se lembraram de nós.

## QUEM DESEJA PERTURBAR A ORDEM NA SETENAVE

Terça-feira, dia 8, perante uma atitude de prepotência e de arbitrariedade do chefe da Escola da Setenave, que afastara um trabalhador da citada escola, a comissão de trabalhadores fez um comunicado e os operários reuniram-se em assembleia geral.

Aí foi aprovado o saneamento do chefe em questão, de nome Proença.

Perante esta resolução os trabalhadores, o conselho de gestão que é a administração da empresa pediu a demissão, apoiado como sempre pelos reformistas.

Trata-se dum acto de chantagem do conselho de gestão para obrigar a comissão de trabalhadores a vergar e para dividir os operários da empresa.

Os reformistas acompanham a

entidade patronal nestas prepotências, aflitos como ficam por tudo quanto é poder operário saído das bases, fora do seu controlo. E assim se tornam contra-revolucionários.

Mas que os reformistas queiram ou não, quer os patrões queiram ou não, a ditadura do proletariado será a vontade organizada dos trabalhadores, expressa na base e fora da tutela dos partidos. E os chefes de sector, os controladores, os encarregados, que agora se destacam como reformistas dos mais brilhantes, terão que vergar perante os ventos revolucionários, que não aguentam os oportunismos, nem ascensões sociais feitas à custa de certos partidos. A classe operária portuguesa não é ignorante nem atrasada.

## Parceria A. M. Pereira

# OCUPAÇÃO DE UMA

## EDITORIA

Temos vindo a assistir, depois do 25 de Abril, ao grande oportunismo com que se editam livros nesta terra. Os senhores do capital desenvolvem mais um negócio, metem mais algum no bolso e passam a ter a suprema qualidade de "democratas" pois até já editam Marx, Lenine etc, etc.

Claro que estes senhores conseguem avançar no seu negócio porque há quem compre os livros, há quem goste de ter uma estante em casa muito repleta de livros para os amigos verem, há quem resolveu "politizar-se" através dos livros, há quem ganhe dinheiro para os comprar. Para nós, estes todos, são a pequena e média burguesia, que antes do 25 de Abril discutia à mesa do café a última cotação da bolsa, e agora discute o último livro que saiu. O proletariado não tem acesso aos livros, não só porque tem pouco dinheiro, mas também porque sabe que é muito mais importante estar na fábrica a lutar, porque é lá que se toma consciência de classe, é lá que a luta de classes mais se agudiza.

A Parceria A. M. Pereira é mais uma empresa que se dedica à edição e venda de livros. Aqui os trabalhadores decidiram ocupar as instalações, como forma de travar definitivamente as manobras de que vinham sendo vítimas da entidade patronal.

Conversámos com a Comissão de Trabalhadores da Parceria A. M. Pereira, que nos puseram ao corrente do que motivou a sua luta e do desenrolar dela.

*"Bem cedo, porém demonstrou a entidade patronal a incapacidade de gestão para uma tal continuidade, agravando a situação dos trabalhadores através de uma gerência desastrosa, evitando aparecer na firma, fugindo a responsabilidades, mantendo fracas receitas devido a "stocks" não actualizados subtraindo-se inclusivê a quaisquer investimentos que permitissem a continuidade normal das vendas, demonstrando um desinteresse absoluto pela casa".*

*REVOLUÇÃO: Quando ocuparam as instalações?*

RESPOSTA— No dia 17 de Fevereiro decidimos ocupar as instalações e encerrar a Filial de Benfica, transferindo para aqui todos os trabalhadores. Esta última decisão deve-se ao facto daquela Filial, não se justificar estar aberta pelo prejuízo que vinha a dar.

A ocupação verificou-se a 17 de Fevereiro, mas desde Setembro que estamos praticamente em auto-gestão, pois a entidade patronal quase que não aparecia por cá, embora não estejamos de acordo com a auto-gestão.

*REVOLUÇÃO: Temos assistido nos últimos tempos à grande campanha, através da rádio, televisão e imprensa do negócio dos livros.*

Todos estes organismos que se dizem querer avançar no processo democrático nacional, colaboram e enganam os mesmos avisados.

Não se pode admitir que um mesmo livro seja editado por duas ou mais empresas apresentando um aspecto gráfico diferente, mas que no fundo é o mesmo livro.

*Como pensam que se pode acabar com isto?*

RESPOSTA— Se os trabalhadores das diversas empresas se juntarem, e não consentirem, será uma das formas. Isto não será de forma alguma uma censura aos livros, mas sim consentir que saia um livro apenas sobre determinado assunto.

*REVOLUÇÃO: Que pensam da formação de uma cooperativa?*

RESPOSTA— Isso já foi discutido, e gostaríamos de avançar para esse processo. Por agora aguardamos que as entidades oficiais se pronunciem sobre a falência ou não da firma.

*REVOLUÇÃO: A nível de solidariedade dentro das empresas do ramo, o que é que se tem verificado?*

RESPOSTA— Não podemos desde já deixar de falar dos trabalhadores do Banco Nacional Ultramarino. Têm sido extraordinários. Dentro das empresas do ramo, apenas a Assírio Alvim.

Por outro lado verifica-se que muitas livrarias deixaram de nos fornecer. Caso da Bertrand, do Centro do Livro Brasileiro que nem sequer a pronto pagamento nos fornecem. Leva-nos a crer que neste último caso é por rivalidade porque estamos muito perto. No entanto, isto não se devia pôr, porque eles até estão numa boa loja, com quantidades industriais de livros etc. Da parte dos trabalhadores, estes muitas vezes quando não têm um livro até mandam para cá o cliente, o que é muito bom.

Agora um caso flagrante de boicote é o da Europa-América. O pseudo-democrata Sr. Lyon de

Castro, dava todas as facilidades à Parceria quando era gerida pelo Sr. Alberto Monteiro. Logo a seguir à ocupação aquele senhor mandou um seu delegado a informar que tinham de cancelar todos os fornecimentos. A nível de trabalhadores eles não conseguem nada, nem sequer formar uma comissão de trabalhadores, eles sofrem interrogatórios dentro de gabinetes fechados.

*REVOLUÇÃO: Mas está na mão dos trabalhadores acabar com isso definitivamente. Sucedeu em muitos locais de trabalho, mas os trabalhadores organizaram-se e puseram um travão à repressão. Não é assim?*

RESPOSTA— Isso é um facto. Mas também é certo que o português está muito areigado ao comodismo. E se há alguns que querem, há outros que não querem e depois como não estão para se maçar fica tudo na mesma.

*REVOLUÇÃO: Aqui além da Administração fizeram algum saneamento?*

RESPOSTA— Não, mas se for necessário avançaremos com mais saneamentos.

*REVOLUÇÃO: Qual o tipo de organização que vocês têm?*

RESPOSTA— Tivemos uma primeira comissão de trabalhadores que era formada por encarregados e outros trabalhadores, mas que não era representativa, não desenvolvia trabalho pois dela até fazia parte um familiar do patrão. Foi dissolvida e agora foi eleita outra comissão em reunião geral de trabalhadores.

O confronto entre a burguesia e o proletariado avizinha-se, o que significa o fim do capitalismo ou de novo o fascismo. Por isso a organização dos trabalhadores não poderá passar apenas pelos processos reivindicativos mas avançar para formas de organização que reflitam sobre a actual situação política em Portugal. A criação de Comissões Políticas de Trabalhadores a nível de empresa e a formação de Conselhos Revolucionários de Trabalhadores, a nível de sector de indústria, ou zonas de actividade, é não só a forma de os trabalhadores se prepararem organizadamente para o confronto, ou a tomada do poder, como também a criação da estrutura orgânica do futuro poder proletário.



# AMÉRICA LATINA BRASIL

## BRASIL GOLPE DE ESTADO DE 1964

Por ocasião da passagem do 1 de Abril de 1964, data do golpe dos coronéis, levado a cabo no Brasil apresentamos extratos de um texto de Apolônio de Carvalho.

Apolônio de Carvalho é brasileiro, antigo combatente das Brigadas Internacionais durante a guerra civil espanhola, tenente-coronel da Resistência Francesa contra a ocupação nazista, foi durante muito tempo membro do PC Brasileiro.

Em Setembro de 1967 juntamente com Carlos Marighela e Mário Alves, abandona aquela organização e fundam o Partido Comunista Brasileiro Revolucionário em Abril de 1968.

Preso em Janeiro de 1970, foi libertado em Junho do mesmo ano conta trinta e nove camaradas, por troca do embaixador da RFA no Brasil.

### O BRASIL ANTES DO GOLPE

A chegada de Goulart ao poder em 1961, abre o caminho para a aplicação das teses defendidas pelo P. C. B. e o Governo (governo da burguesia, chamado nacionalista pelo PC, tendo interesses a defender contra o imperialismo), exprime o momento do nível das lutas e reivindicações das massas. Entretanto sente-se uma radicalização rápida das lutas em várias frentes (operários, camponeses, estudantes), e um aumento da consciência. Em relação a estes sectores de efervescência, a política seguida pelo PC caracterizou-se da seguinte maneira:

— a utilização das massas como instrumentos de pressão, logo que, necessitava arrancar uma concessão da burguesia, dita nacionalista, concessão que não tocava os interesses fundamentais desta classe.

— a negação completa em favorecer a organização autónoma das massas brasileiras, e isto apesar da natureza dos sindicatos criados durante o período do governo paternalista do ditador Vargas para servir de amortecedor da luta de classes.

— a política de cúpula, em que as direcções dos partidos burgueses e as direcções reformistas das organizações de massas (os sindicatos) negociavam as conquistas já adquiridas pelas lutas populares em troca de quaisquer concessões à burguesia no poder.

— limitando a sua actividade no quadro fixado pelo poder, o PC fazia concretamente o jogo da burguesia que necessitava de um interlocutor para controlar o movimento de massas e realizar assim os seus objectivos.

A falta de confiança nas massas por parte dos tais dirigentes, assim como o baixo nível de organi-

zação da classe operária explica em parte o caos que reinava no seio do movimento de massas em vésperas do golpe de estado, apesar da situação de luta permanente.

Por outro lado a aliança PC-Governo conhecia um processo progressivo de degradação. Ela tinha perdido o controlo sobre as massas e a burguesia sentia-se cada vez mais ameaçada. A esperança de evitar toda e qualquer tentativa de golpe de estado por parte da direita encontrava fundamento na crença, no espírito constitucionalista das forças armadas.

Numa grande manifestação organizada por Goulart (13 de Março de 1964) verificou-se a tentativa de se reaproximar do movimento popular. Era porém, muito tarde e as ambiguidades eram muito fortes. As condições para um golpe de estado estavam reunidas: os que governavam não podiam mais encontrar um mínimo de coesão e a grande massa de explorados não estava à altura de responder através de uma alternativa própria e independente, de um lado via-se a crise dos poderes executivo, legislativo, e judicial, refletindo as contradições que se desenvolviam no próprio seio da burguesia. Por outro lado a baixa de salários, a insatisfação crescente das camadas médias das cidades que se traduziam pela mobilização permanente e uma classe operária, desarmada, tendo diante de si as ameaças sucessivas de um golpe de estado, não perdendo por isso a sua combatividade. Via-se igualmente um processo inflacionário uma total desorganização da vida económica.

O golpe de estado veio com todas as consequências que conhecemos. A tese segundo a qual "o proletariado luta por uma revolução nacional (...) ou seja,

uma revolução democrática burguesa de novo tipo" (resolução política do 5.º Congresso do PCB 1960) revelou-se num impasse. Mas outras afirmações mesmo mais além: a burguesia na sua grande maioria pelos seus interesses específicos de classe, é levada a entrar em conflito com o capital monopolista estrangeiro que representa o obstáculo à extensão dos seus negócios. "A burguesia ligada aos interesses nacionais tem um duplo carácter. Por pertencer a

um país subdesenvolvido ela possui um potencial revolucionário e uma força capaz de se opor à dominação imperialista" (texto tese do PCB em 1960) síntese da linha política que estava na base dos acontecimentos dos anos de 1962 a 1964.

O que se passou foi que a burguesia preferiu um papel atribuído pelo imperialismo a assegurar o seu "papel revolucionário" que lhe era atribuído pelo P.C.B..

### O GOLPE DE ESTADO

O golpe de estado de Abril de 1964, impôs ao Brasil uma nova ordem. A ordem para aumentar a exploração da classe operária: as greves foram proibidas, os sindicatos foram colocados sob controlo do aparelho de estado não houve mais liberdade de organização. Através da censura e da propaganda intensiva, a ditadura procura abusar do povo. Mesmo a democracia burguesa deixa de existir. Uma legislação fascista faz desaparecer o direito à "Habeas Corpus" e estabelece a pena de morte para os revolucionários. O Congresso não tem nenhuma autonomia, muitos deputados foram destituídos pelos actos institucionais do executivo. O Parlamento é colocado debaixo da tutela e encarregado de eleger "Presidente", designado pelas forças armadas. Assim sucederam-se a Marechal Castelo Branco (Abril 1964 a Março de 1967), Marechal Costa e Silva (Março de 1967 a Agosto de 1969),

Junta Militar (Agosto 1969 até Outubro), General Medici (Outubro 1969 a Março de 1974) e General Geisel designado para o turno em Março de 1974. O terror e a tortura, assim como os assassinatos dos revolucionários e dirigentes operários é do quotidiano.

Esta nova ordem significa a exploração das massas trabalhadoras. O poder de compra não acompanha o aumento dos preços. O bloqueio leva a redução dos salários real a quase metade do que era antes do golpe de estado. No campo, o nível de vida é todavia pior que nas cidades. O desemprego aumenta sem cessar. 85% da população está excluída do mercado de consumo. Paralelamente, a presença imperialista cresce. Todas as portas estão abertas para o capital internacional. A dívida externa ultrapassa 11 biliões de dólares. O crescimento económico é financiado pela superexploração das massas populares.

### A ESQUERDA REVOLUCIONÁRIA

Depois do golpe de estado uma nova esquerda surgiu da experiência e dos ensinamentos históricos trazidos pelos aconte-

cimentos de 1964. Assim afirma-se a oposição à aliança de classe com a burguesia e a compreensão da necessidade de uma política



Pinochet no Brasil, sorrisos

independente da classe operária. Do mesmo modo é negada a visão de uma transformação possível pela via pacífica da sociedade e uma forma de luta mais avançada começa, a luta armada. Neste momento começa-se uma série de acções armadas que indicam o caminho a seguir tais como a tomada da Rádio Nacional, a libertação dos prisioneiros políticos trocados pelos embaixadores americano, alemão e suíço. A análise do papel dos sindicatos no Brasil extrai-se desta experiência e as tentativas de organização independente das massas desen-



volem-se na base. A nova esquerda procura aplicar as suas teorias. O ano de 1968 foi de grande importância para o movimento de massas, Osasco e Contagem duas das principais cidades do Estado de S. Paulo, desencadearam greves duras e exemplares que mostraram a tentativa da classe operária em busca de novas formas de luta. O movimento estudantil, também desenvolveu grandes manifestações. O movimento de massas passou a ultrapassar o quadro de legalidade imposto pela ditadura, conquistando uma semilegalidade. Esta resposta às concepções incorrectas que facilitaram a vitória das forças reaccionárias em 1964, não foram porém completas. Ela teve como elemento central a teoria do foco guerrilheiro e, do vanguardismo, com os seus equívocos (não implantação efectiva no proletariado e a redução do político sob o militar). Erros foram cometidos e conduziram a uma situação de isolamento da classe operária. Porém, outras teses mais justas começam a afirmar-se; elas mostram a necessidade da criação de um Partido que conduza as lutas



# MORREU O DITADOR DA FORMOSA

# BRASIL

Continuação pág. 11

em direcção aos reais interesses do proletariado, a perspectiva de uma guerra dura e prolongada, a importância do movimento de massas no processo histórico, combinando a violência das massas com a violência da vanguarda. Na perspectiva de conquistar um Governo Popular Revolucionário, seguindo a via Socialista.

## ELEIÇÕES

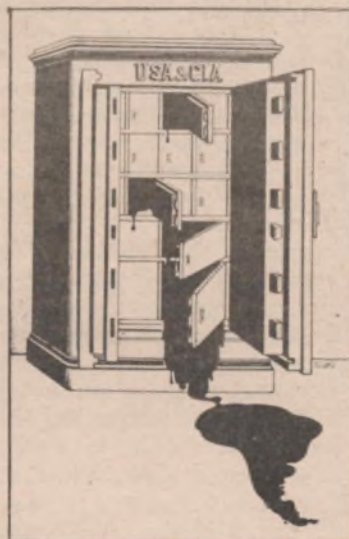
O ano de 1974 começa com a sucessão presidencial, para oferecer à opinião pública internacional uma imagem falsa para fazer frente às acusações contra a ditadura.

A ditadura militar tenta canalizar o descontentamento operário e popular, resultante dos baixos salários, inflação, a censura e repressão às greves desencadeadas sobretudo em S. Paulo, Minas e Rio de Janeiro; através das eleições

conciliar com a ditadura buscando algumas cadeiras para assim "influir" e melhor participar ao lado da ditadura. A classe operária, como é tradicional no Brasil não teve o direito de apresentar o seu partido e os seus candidatos. Assim, sendo a sua política concentra-se no facto de fortalecer as suas organizações independentes, o partido, aproveitando o momento para denunciar a farsa eleitoral e melhor distinguir os seus amigos e aliados dos seus inimigos de classe e oportunistas como o P.C.B. que apoiaram a oposição burguesa aceitando o jogo imposto pela burguesia.

O resultado da manobra eleitoral ficou claro para os revolucionários e operários que se fortaleceram na organização e denuncia desmascarando os que hoje se fazem passar por "defensores" de um programa popular e aceitaram apoiar aqueles que nunca ousaram enfrentar as duras condições de luta que é o caminho para um governo popular revolucionário dos trabalhadores.

Assim o demonstrou, as prisões em massa feitas depois das eleições atingindo sobretudo o P.C.B (o Jornal "A voz operária" e duas tipografias, o que é confirmado pelo desaparecimento de revolucionários e operários; que a luta é longa e difícil, ao contrário daquela escolhida pelo P.C.B. e oportunistas de conciliação de classes, sacrificando vergonhosamente os interesses históricos do proletariado na luta pelo socialismo.



legislativas de 15 de Novembro. Como sabemos no Brasil só a ARENA (Aliança Renovadora Nacional) e o MDB (Movimento Democrático Brasileiro) este último de oposição tolerada pela ditadura. Na farsa eleitoral coube a maioria de votos ao MDB, o qual não se atreve e busca de qualquer forma,

aos japoneses, preparando-se intensivamente para a luta anticomunista. Enquanto Mao-Tsé-Tung, o Partido e as massas proletárias iam libertando vastas regiões dominadas pelos senhores feudais e japoneses, Chiang-Kai-Chek colaborava abertamente com os invasores, contra o Exército Popular libertador.

A derrota do Japão anula uma das frentes e o Kuomintang ataca frontalmente com o apoio americano os comunistas apesar de decorrerem conversações entre as diversas forças antijaponesas. O acordo com o PC é aceite por Chiang-Kai-Chek, que aproveita as tréguas para acumular forças, iniciando nova guerra e atacando os comunistas. É nessa altura que os E.U.A. se põem declaradamente do lado da contra-revolução, entregando ao seu laçao Chiang-Kai-Chek artilharia, armamento, aviação e navios de guerra. Em 1947, o povo chinês começa a infligir pesadas derrotas ao Kuomintang, fazendo-o perder em três anos de guerra sete milhões de homens.

Em 1949, completamente derrotada, a camarilha de Chiang-Kai-Chek foge para Taiwan, cobrando essa ilha sob protectorado do imperialismo yanqui. Em 1 de Outubro de 1949 é proclamada a República Popular da China, o que significa a passagem da Revolução Chinesa da sua etapa democrático-burguesa para a da REVOLUÇÃO SOCIALISTA.

O triunfo da heroica luta do povo chinês pela sua emancipação e o regresso de Taiwan ao seio pátrio, é o desejo de todos os explorados de todos os revolucionários, todos os Comunistas, na perspectiva da construção do Socialismo e do Comunismo!

VIVA A HERÓICA LUTA DO POVO CHINÊS  
VIVA A REVOLUÇÃO SOCIALISTA

tornar a facção dominante.

É essa ala direita que se encarregará durante decénios de refrear a Revolução.

Em 1926, o Kuomintang aprisiona comunistas sendo obrigado a soltá-los por pressão dos operários sublevados. Em 1927 os americanos e ingleses bombardeiam Nanquim, marcando o início da sublevação patriótica do povo chinês.

Entretanto, a camarilha de Chiang-Kai-Chek, mais interessada em esmagar o proletariado que em combater o imperialismo provoca a desagregação da Frente Popular, chamando a si todas as forças reaccionárias: feudais-militaristas, latifundiários e alta burguesia, assim como a burguesia nacional e a pequena burguesia, que se passaram para o campo da contra-revolução.

O Kuomintang entra decididamente na repressão das massas trabalhadoras, massacrando milhares de operários, em Xangai. Estas acções forçam o Partido Comunista a abandonar o Kuomintang, tomando nas suas mãos a Revolução atraída pela burguesia. O PC passa à clandestinidade, desencadeando a Guerra Civil Revolucionária.

Em 1931 o Japão invade a China, sob a complacência e colaboracionismo de Chiang-Kai-Chek o que leva a burguesia nacional e a pequena burguesia a exigirem a aliança com o PC, única força que se mantinha consequentemente patriótica, no contraditório panorama político chinês.

Em 1937 cessa a guerra civil que opunha os comunistas aos capitulacionistas burgueses, firmando-se o acordo PC-Kuomintang e formando-se o célebre oitavo exército libertador de militantes comunistas.

Entretanto, se por um lado os comunistas lutavam heroicamente contra o invasor nipónico, o Kuomintang passivamente entregava província após província

Morreu Chiang-Kai-Chek, o velho ditador fantoche do porta-aviões americano estacionado no Pacífico, mais conhecido por formosa ou Taiwan, ilha que é parte integrante da República Popular da China, denominada eufemisticamente China Nacionalista por todos os laçaios do imperialismo, fascistas e afins.

Toda a vida de Chek, representante das antigas grandes famílias feudais que exploraram e massacraram os camponeses e operários da China, bajulando as potências que colonizaram durante séculos a terra chinesa, foi um imenso rol de traições e oportunismos de toda a espécie.

Em 1925 o proletariado chinês revoltou-se contra o domínio neocolonialista, desencadeando uma greve geral anti-imperialista e nacionalista. Este levantamento marca o início da longa guerra civil, que viria a culminar com a implantação do socialismo, em 1949. A repressão imperialista foi implacável, sendo os trabalhadores metralhados pela polícia anglo-norte-americana.

O sentimento nacional leva as diversas forças que se opunham ao domínio estrangeiro a co ligarem-se à volta do Kuomintang, partido fundado por Sun-yat-Sen, da República chinesa. O Kuomintang organização da burguesia nacional, nacionalista e anti-imperialista era o órgão da expressão política da pequena e média burguesia, classes também subordinadas ao imperialismo e aos sectores da burguesia chinesa dele dependentes.

O Partido comunista chinês, fundado em 1921, integrou a coligação, fornecendo-lhe os seus melhores quadros, como Mao-Tse-Tung e Chu-en-Lai. Mas dentro do Kuomintang havia contradições, existindo a sua ala direita, reaccionária e pró-imperialista, representada por Chiang-Kai-Chek que se viria a

não às eleições

sim à revolução

socialista

## TODOS COM OS TRABALHADORES DA TAP

A Intersindical também conhece que "toda a greve contribui poderosamente para orientar os operários para o ideal do socialismo", e a influência que, como tal, pode ter a ideologia proletária num meio em que a ideologia pequeno-burguesa se faz ainda sentir com tanta acuidade.

A greve da TAP, contém ainda um factor muito importante. É uma greve com uma estratégia e uma tática bem delineadas. Uma estratégia escalonada e programada no tempo, servida por uma tática diária e, por isso, uma e outra, capazes de dar uma resposta

correcta e pronta a situações novas.

Portanto, condenar e combater a greve da TAP, em termos tão simplórios e difamantes é, isso sim, servir deliberadamente os interesses da burguesia.

Os trabalhadores da TAP, que tantas provas já deram da sua capacidade de luta e do seu espírito de sacrifício saberão seguramente distinguir os seus amigos dos seus falsos amigos. E saberão também, como já fizeram nos dias 11 e 12 de Março, adoptar as medidas mais aconselháveis que a realidade objectiva da empresa e do País exigir no próximo dia 21 de Abril.

Quanto a nós, trabalhadores que somos de um Sindicato com tão grande representação na TAP e conscientes das nossas responsabilidades, como elementos do Secretariado de Delegados, face a uma luta que consideramos justa e muito importante, a nossa decisão está tomada:

Lisboa, 3 de Abril de 1975

SECRETARIADO DOS DELEGADOS SINDICAIS DOS SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS DA MARINHA MERCANTE, AERONAVEGAÇÃO E PISCAS.



angola · angola · angola

# AGOSTINHO NETO EM LISBOA

Agostinho Neto passou de novo por Lisboa, entre a Holanda e Angola. A sua estadia possibilitou alguma informação, visto que deu uma conferência de imprensa no aeroporto, antes de partir. As palavras que disse aos jornalistas fazem-nos pensar mais uma vez no que se está a passar em Luanda, onde o imperialismo, representado pelo FNLA, tenta ganhar uma guerra, que é extremamente importante para a estratégia mundial. Sabemos no entanto como a população angolana está com o MPLA e como também sente que o momento é decisivo.

É também a altura em que as forças coloniais dão tudo por tudo para manterem o poderio económico sob a forma neocolonialista, como frisou Agostinho Neto. Coniventes com o imperialismo e o neocolonialismo, várias forças se fazem sentir e tratam as entidades e personalidades que fazem a opção pelos exploradores ou futuros exploradores.

É assim que continuam livremente e fazendo os seus "serviços" à FNLA os ex-agentes da Pide que põem a informação e a provocação legitimadas pela liberdade de movimentos que lhes é conferida, ao serviço da mais tenebrosa enqrenagem reaccionária.

É assim também que existe cen-

sura em Angola e que essa censura toma partido contra o MPLA. Quando Agostinho Neto fez a sua recente viagem a Benguela, viagem triunfal, durante a qual o cortejo foi obrigado a parar várias vezes pela população para que se realizassem comícios o presidente do MPLA fez uma conferência de imprensa à sua



chegada a Luanda. Mas, aconteceu que 15 minutos antes da conferência de imprensa todas as emissoras foram fechadas pelo alto-comissário". Esta é a "desinformação" que campeia em Angola proibindo a circulação de certos jornais etc.

Agostinho Neto falou também na divulgada intervenção duma

força da ONU em Angola e repudiou tal possibilidade, explicando que o prejuízo tinha sido a presença de comissões internacionais no Zaire que a seu tempo (nos anos 60) fizeram duma forma ainda mais reaccionária que os colonialistas. Pensa o presidente do MPLA que a intenção duma tal intervenção deve estar a ser manipulada por outras forças existentes em Angola.

Quanto ao poder popular que em Angola se constitui e cresce a par do poder das instituições, Agostinho Neto reafirmou que "esse poder é uma realidade e será muito difícil fazer marcha atrás", que "não haverá qualquer recuo do poder popular". Este poder que se organiza em comissões de bairro e que corresponde ao proletariado mais avançado de certos países etc.

O futuro de Angola e de Portugal estão estreitamente ligados nesta luta contra o imperialismo pois que a independência de cada um destes países passa pelo internacionalismo, o qual significa concretamente uma profunda cooperação entre os dois.

Estar com os trabalhadores e os revolucionários angolanos, estar com o MPLA, é estar com os trabalhadores e revolucionários portugueses.

COMUNICADO DO NÚCLEO DE FARO

## DO P. R. P. - B. R.

Coincidindo com o agravamento das tensões políticas que advinham o confronto decisivo entre a burguesia e o proletariado, como alternativa última para a conquista do poder de uma ou outra classe por forma violenta, o PRP-BR, informa que se encontra constituído desde 28 de Março de 1975 o seu núcleo de Faro, que propõe dentro das linhas programáticas do PARTIDO REVOLUCIONÁRIO DO PROLETARIADO — BRIGADAS REVOLUCIONÁRIAS, e em face da análise concreta da realidade Portuguesa, as seguintes tarefas imediatas:

- CONSOLIDAÇÃO E COORDENAÇÃO DAS COMISSÕES AUTÓNOMAS DE TRABALHADORES
- CRIAÇÃO DE COMISSÕES DE TRABALHADORES POLÍTICOS ELEITAS NOS LOCAIS DE TRABALHO
- OCUPAÇÃO DE TERRAS SEM EXPROPRIAÇÃO SEM INDEMNIZAÇÃO E CRIAÇÃO DE COOPERATIVAS.

— OCUPAÇÃO DE CASAS. CRIAÇÃO DE COMISSÕES NOS PRÉDIOS OCUPADOS.

— DESENVOLVIMENTO DAS LUTAS NAS FABRICAS PELA GREVE E PELA OCUPAÇÃO.

— ORGANIZAÇÃO DE COMISSÕES DE SOLDADOS E MARINHEIROS.

— ORGANIZAÇÃO DE TRABALHADORES EM FUNÇÃO DA DEFESA ARMADA CONTRA A REACÇÃO.

— LUTA CONTRA AS ELEIÇÕES, PELA PROPAGANDA E PELO ESCLARECIMENTO.

— CONSOLIDAÇÃO E ALARGAMENTO DA ORGANIZAÇÃO PARTIDÁRIA.

Entendemos que as eminentes eleições burguesas não resolvem os problemas das classes trabalhadoras e que se encontra posta de parte a viabilidade de uma via social-democrata, pela impossibilidade de recursos e dependência do país.

Continua pág. 14

## COMUNICADO

### NUCLEO REGIONAL DO PRP-BR DA COVILHÃ

CAMARADAS:

Mais uma vez os capitalistas usam uma arma para impedir o processo revolucionário em curso iniciado pela classe operária.

Desta vez os industriais de lanifícios e o seu consultor jurídico boicotaram o início das conversações do Contrato Colectivo de Trabalho.

Camaradas, todos sabemos que o capitalismo não desiste e utiliza todas as formas para impedir o avanço da classe operária para a tomada do poder. Desta forma alertamos:

- Que os patrões não estão dispostos a ceder às exigências e justos anseios dos trabalhadores;
- Por isso eles organizam-se em partidos social-democratas e fascista, tais como PPD, CDS, etc.

Deste modo o núcleo do PRP-BR da Covilhã, afirma que jamais será possível a conciliação entre classes

(burguesia e classe operária).

Por isso afirmamos que a única solução é a Revolução Socialista que se realizará a partir da organização autónoma da classe operária, que levará os operários ao poder e implantar a Ditadura do Proletariado sobre a classe burguesa (classe dos patrões).

Mediante o boicote à contratação que vem numa perspectiva de travar o processo revolucionário da classe operária, PRP-BR propõe:

— Uma greve de zêlo ou seja uma diminuição da produção actualmente praticada e por tempo indefinido até ao acordo total do Contrato Colectivo de Trabalho.

— Paralelamente a esta luta, uma vigilância constante ao movimento de capitais das fábricas; da entrada e saída de matérias primas; e controle da produção, evitando assim qualquer tentativa de fuga de capitais ou de produtos.

Como formas de concretizar esta luta, propomos:

— Que esta proposta seja discutida em Assembleia Geral de Trabalhadores (único órgão decisivo da classe operária).

— Eleição de Comissão de Trabalhadores (substituíveis a todo o momento) como formas de organização na luta anti-capitalista.

Contra o Capitalismo!  
Contra o Fascismo!  
Pela Organização Autónoma da Classe Operária!  
Pela Revolução Socialista!  
Pela Ditadura do Proletariado!  
VIVA O COMUNISMO!

O Núcleo Regional do PRP-BR da Covilhã

Sede: Rua Visconde da Coriscada, n.º 60

Horário de abertura da sede: das 18 às 24 horas.

Em virtude de ter havido um lapso técnico, voltamos a publicar o comunicado que é assinado pela célula do PRP-BR da CP do Barreiro.

## COMUNICADO

Muitas têm sido as críticas a nós dirigidas, quer de partidos de direita e reformistas quer ainda de partidos da esquerda não reformista, sobre a nossa posição do Não às Eleições.

Para nós, as eleições numa sociedade capitalista, são a maneira dos trabalhadores escolherem os elementos que durante um certo período os irão explorar e reprimir.

Portanto como partido revolucionário que somos, não participamos nas eleições, porque fazê-lo seria contra-revolucionário, seria perder tempo, e sobretudo seria desviar os trabalhadores do seu objectivo principal, que será a tomada do poder pelo proletariado e não por qualquer partido, que rapidamente se tornará agente do capital e consequentemente laia da burguesia (se é que já não o era).

Como poderá haver eleições livres para os trabalhadores, se o capital encontra nas mãos dos capitalistas, e que portanto dispõem de somas fabulosas para efectuarem uma propaganda eficaz, se são eles que possuem todos os meios de comunicação, e de todo o tempo livre que necessitarem para desenvolverem a sua campanha eleitoral.

Nunca será por eleições que a burguesia se irá submeter aos trabalhadores, e nunca entregará os seus meios de produção ao proletariado.

Só pela violência revolucionária poderemos pôr fim ao sistema capitalista, altura em que os meios de produção pertencerão efectivamente ao proletariado, e não a meia dúzia de exploradores que vivem à custa do nosso trabalho.

Mas apesar destas contradições nós dizemos que as «eleições são livres», não para a classe trabalhadora, mas para a burguesia.

As direitas consideram as eleições como preparação para o confronto que não tardará, no caso dos trabalhadores se deixarem envolver numa luta demagógica entre listas, e é a contar que existe uma segunda linha de combate, pronta a desencadear um golpe fascista que resulta do falhanço da tentativa do 11 de Março, que irá trazer consequências bastante sangrentas para os trabalhadores e militares revolucionários.

A Célula do P. R. P. - B. R. da C. P. do Barreiro



# COMUNICADO

## O CASO DA SEDE DE BEJA DO PRP-BR

O nosso Partido, pelo seu passado de luta anti-capitalista, anti-fascista, anti-imperialista e anti-colonialista (luta armada e a todos os níveis), tem demonstrado desde muito antes do 25 de Abril estar firmemente do lado de todos os trabalhadores e povos oprimidos e explorados, contra os opressores e exploradores nacionais e estrangeiros.

A nossa posição de independência política e económica face aos partidos da burguesia e reformistas de toda a espécie, a nossa posição de independência crítica face ao poder constituído e a alternativa revolucionária que propomos aos trabalhadores no sentido da destruição do capitalismo e todas as suas formas de exploração, pela Revolução Socialista e tendo como meta final o comunismo, faz com que todos os reaccionários e todos aqueles que se reivindicam da classe operária para melhor a trair, se empenhem na perseguição e na calúnia (que são as armas daqueles que não têm argumentos políticos), tentando entrar o processo de desenvolvimento da organização do Partido e impedir que este faça chegar as suas propostas políticas e de organização do Partido e impedir que este faça chegar as suas propostas políticas e de organização aos trabalhadores das fábricas e dos campos.

Na região de Évora, em Nossa Senhora de Machede, quando militantes do nosso Partido discutiam com os trabalhadores agrícolas a ocupação das terras que até aqui têm estado indevidamente nas mãos daqueles que criminosamente lhes têm negado o direito ao trabalho e ao pão, mais uma vez a traição reformista travou a justa luta dos trabalhadores. Aqui as provocações foram desde a sabotagem do nosso comício

transportando-se os provocadores de outras regiões em camionetas alugadas, até à acusação de que alguns militantes do nosso Partido tinham passado revolucionário de antes do 25 de Abril, tentando assim confundir os trabalhadores. Curiosamente!

Recentemente, um camarada nosso foi preso em Évora, sendo solto alguns dias mais tarde, sob a acusação de ter feito acções revolucionárias antes do 25 de Abril. É muito estranho que o Quartel General de Évora não esteja a par das leis promulgadas pelo MFA, pois toda a gente sabe que os "delitos" de carácter político foram amnistiados depois do 25 de Abril. Sabemos perfeitamente que existe um conluio em Évora de reaccionários que se encontram acoitados nos partidos reformistas e de reaccionários que ainda se encontram no Exército, beneficiando de inexplicável benevolência das cúpulas do MFA.

Na região de Beja, na Boavista, os provocadores reformistas foram mais originais pois desta vez sabotaram a energia eléctrica a toda a aldeia, tentando impedir a realização do comício. No passado dia 2 do corrente, ainda em Beja, os nossos militantes, que tinham ocupado uma casa para aí instalar a sede local do Partido, foram surpreendidos por forças militares e militarizadas (RI 3, PSP e GNR), que nos tentaram desalojar com o pretexto de que não tínhamos previamente comunicado o desejo de alugar a uma chamada "comissão de ocupação de casas".

Por um lado, nada esta comissão "tinha a ver com o assunto, dado que tínhamos obtido o consentimento do senhorio quinze minutos depois da ocupação, por outro a constituição desta "comissão" é ilegal: Primeiro porque resulta do conluio de

alguns reaccionários e reformistas e não foi eleita em assembleia geral de moradores: em segundo lugar não há nenhuma lei vigente que autorize a constituição deste tipo de "comissões".

Porque é que esta "comissão" não fez as mesmas diligências em relação às ocupações feitas pelos partidos reformistas? Seria que os partidos representados nesta "comissão" queriam esta casa para eles?

Neste caso, a evidência da nossa razão prevaleceu e os reaccionários e seus amigos reformistas saíram derrotados.

O PRP-BR, que nos tempos do fascismo soube responder de armas na mão à violência que esse regime fazia abater sobre os trabalhadores e os revolucionários, saberá agora responder da forma mais adequada às provocações de todos os reaccionários, fardados ou civis, desmascarando-os e dando-lhes o justo correctivo.

Os trabalhadores aprenderão cada vez mais, a partir da prática contra-revolucionária destes senhores, a distinguir entre os seus verdadeiros e falsos amigos.

PELA ALIANÇA REVOLUCIONARIA ENTRE OS TRABALHADORES, SOLDADOS E OFICIAIS REVOLUCIONARIOS!  
MORTE AO FASCISMO!  
MORTE AO REFORMISMO TRAIADOR!  
ABAIXO O CAPITALISMO!  
PELA REVOLUÇÃO SOCIALISTA!  
PELA DITADURA DO PROLETARIADO!  
VIVA O COMUNISMO!

A Dir. da Org. Regional do Sul do PARTIDO REVOLUCIONARIO DO PROLETARIADO BRIGADAS REVOLUCIONARIAS

### NÚCLEO DE FARO DO P. R. P. - B. R.

Continuação pág. 13

Entendemos igualmente que a imposição de um poder de direita se tentará impor pela via eleitoral ou pela força, se necessário, caso uma via democrática e revolucionária os impeça de exercer efectivamente o exercício do poder político.

Consideramos igualmente grave que os sectores reformistas desviem as atenções das classes trabalhadoras da verdadeira luta pelo domínio económico e consequente controle do poder político, para o plano da disputa eleitoral burguesa, levando-as a embarcar em sonhos dourados duma via pacífica para o socialismo.

## Sedes

**ALGÉS** — Rua Victor Duarte Pedroso, 15  
ALGÉS DE CIMA

**AMADORA** — Rua Gonçalves Ramos, 40

**BARREIRO** — Rua Dr. Eusébio Leão, 31

**BEJA** — Rua Alexandre Herculano, 29

**BRAGA** — R. Santa Margarida, 169, 1.º

**CASTELO BRANCO** — Alameda da Liberdade, 16

**COVA DA PIEDADE** — Estrada Nacional 10, 6  
Tel. 2763267 / 2763397 / 2763122

**COVILHÃ** — Rua Visconde da Coriscada, 60

**ÉVORA** — Largo do Chão das Covas, 21  
Tel. 24998

**FARO** — Rua Dr. Cândido Guerreiro, 35

**FERRAGUDO** — Rua 1.º de Maio

**LISBOA** — Sede Central do Partido  
Rua Castilho, 70 — Tel. 48119

Organização Regional de Lisboa  
Av. da República, 75 (a abrir brevemente)

Jornal "Revolução"  
Rua do Arco do Carvalhão, 1, 5.º Dt.º — Tel. 682323

**LOULÉ** — Av. José da Costa Mealha, 32-34

**MANGUALDE** — Rua Nova, 20

**MARINHA GRANDE** — Av. 1.º de Maio, 35-37

**OLHÃO** — Rua 18 de Junho, 64 B-C

**PAREDE** — Rua Gomes Freire de Andrade, 1

**PORTO** — Rotunda da Boavista, 76, 3.º Esq.  
Tel. 695080

Rua Álvares Cabral, 110  
Tel. 315759 / 315786

**SACAVÉM** — Largo 5 de Outubro, 16-17

**SETÚBAL** — Colégio Frei Agostinho da Cruz  
Rua Jorge de Sousa

**VIANA DO CASTELO** — Rua José Espargueira  
Tel. 22558

**UIXO** — Rua Cândido dos Reis, 55

## Universidades Proletárias

**LISBOA** — Av. 5 de Outubro, 68  
(a abrir brevemente)

**ALMADA** — Rua Trindade Coelho — CACILHAS  
(a abrir brevemente)



COMÍCIO NO BARREIRO

Na mesa os camaradas Lenine da célula dos TLP, Marques da célula da CP, Rafael da célula da CUF, Arnaldo da célula da TAP Lameiras, Militar e Carlos Antunes da direcção do PRP-BR

Dentro deste contexto alertamos todos os trabalhadores; nas fábricas, nos campos e todos os soldados e marinheiros revolucionários para:

CONTRA A CONSPIRAÇÃO ARMADA DA BURGUESIA A SOMBRA DO IMPERIALISMO!

Oponhamos:

A VIOLÊNCIA REVOLUCIONARIA ARMADA DOS TRABALHADORES E FORÇAS ARMADAS REVOLUCIONARIAS!

O Núcleo de Faro do PRP-BR

**UMA SÓ  
SOLUÇÃO  
REVOLUÇÃO  
SOCIALISTA**

PARTIDO REVOLUCIONARIO DO PROLETARIADO  
BRIGADAS REVOLUCIONARIAS



# DOMINGO SEGUNDA-Feira QUARTA-Feira QUINTA-Feira SEXTA-Feira

## Segunda-Feira dia 31 de Março

— Em passagem por Lisboa, e referindo-se aos comunicados oficiais das autoridades portuguesas em Angola, Agostinho Neto disse:

«—São sempre muito vagos e não dizem nada sobre o que realmente se está a passar. É lamentável que a parte portuguesa se venha caracterizando pela passividade e é isso que nós começamos a denunciar. Altas individualidades e o Exército deviam ter uma acção activamente imparcial de modo a evitar que se instale o fascismo na nossa terra.

Os comunicados nunca expressam qual é o movimento autor dos crimes. Esta neutralidade é criminosa. Nós temos sido sempre as vítimas. Por outro lado, verifica-se que ainda existe inalterável a estrutura da P.I.D.E., que agora presta serviço de informações e contra-informações por conta de reaccionários influenciando sobremaneira a população branca».

— A greve dos pescadores de Peniche atinge já 1500 pescadores.

— O Conselho da Revolução aprovou na generalidade um decreto-lei que restringe o porte de armas.

O que pretenderá o Conselho da Revolução com esta medida? E quem serão as pessoas que por ele são abrangidas? Os fascistas ou os revolucionários?

## Quarta-feira, dia 2 de Abril

— É apresentado pelo MFA aos partidos políticos concorrentes às eleições para a Assembleia Constituinte um «pacto-plataforma de acordo» sobre a Constituição a elaborar.

Apenas a FEC(m-l) não esteve presente na sessão de divulgação da referida plataforma.

— Na sessão de esclarecimento do MFA na CRGE, um cabo teve oportunidade de afirmar que «há

que desmascarar os reaccionários, ainda que sejam os nossos amigos, inclusivamente com o nome deles escrito nas paredes para que sejam conhecidos de todos».

— Os 150 trabalhadores da Empresa Metalúrgica de Castelo Branco entraram em greve, já que a entidade patronal não satisfaz os pagamentos e não dá garantias da sua efectivação.

Na barragem da Valeira entraram em greve 1300 operários.

— Inicia-se a campanha eleitoral.

## Quinta-feira, dia 3 de Abril

— O Conselho da Revolução decide a constituição de um Tribunal Militar Revolucionário para julgar os implicados no 11 de Março, bem como a expulsão das F.A. de militares que «pratiqueem ou defendam o uso da violência...», provoquem ou desrespeitem gravemente os seus superiores», «perturbem a ordem pública ou a disciplina militar».

— A Imprensa diária anuncia a deslocação à República Popular da China de uma delegação do PC-P(m-l), da qual fazem parte elementos da AOC.

Este acontecimento deve ajudar, e esclarece de algum modo, muitos militantes políticos que se interrogavam sobre qual das organizações portuguesas que se reclamam maoistas tem contactos com a China.

— Anuncia-se para breve uma lei revolucionária sobre a habitação. Entretanto, continuam a existir em Lisboa 6 000 habitações vagas...

— A feminista francesa Simone de Beauvoir, em conferência proferida no Porto, abordou um dos aspectos quotidianos da reprodução das relações de produção: «não é suficiente para fazer um País novo modificar as relações de produção, mas é necessário modificar profundamente as relações entre homem e mulher.»

## Sexta-feira, dia 4 de Abril

— O «Diário de Notícias» publica a entrevista que o almirante

Pinheiro de Azevedo deu ao «Jornal do Brasil».

A dado passo o Chefe do Estado Maior da Armada disse: «O meu receio é basicamente esse, de não ver a execução imediata duma política económica capaz de evitar a barriga vazia e o desemprego, dois maus conselheiros, que poderiam levar as massas populares a negarem-nos o apoio que até aqui nos tem sido dado.»

Enfim, o mínimo que nós podemos dizer é que Pinheiro de Azevedo parece ser um homem lúcido... Só que não é, de certeza, com a actual política económica do IV Governo Provisório que se consegue evitar a barriga vazia e o desemprego...

— Referindo-se às declarações de Agostinho Neto acima transcritas, Melo Antunes disse que as «opiniões do dr. Agostinho Neto só a ele dizem respeito. O que eu tenho a dizer é que as autoridades portuguesas em Angola têm feito o seu melhor para controlarem a situação e, em especial, devo referir o comportamento das Forças Armadas Portuguesas, que tem sido absolutamente exemplar.»

Recordamos que o dirigente do MPLA lamentara o facto do Exército «não ter uma acção activamente imparcial»...

## Sábado, dia 5 de Abril

Numa mesa redonda no jornal «Expresso» sobre a criminalidade em Portugal, Otelo Saraiva de Carvalho, Comandante-adjunto do COPCON, afirma em dado momento que «a verdade é que,

neste momento, temos que o dizer, a luta partidária que se verifica em todos os níveis atinge também as Unidades. E é agora que o mito da apoliticidade das Forças Armadas que vigorou desde sempre no seu seio se revela extremamente funesto.»

Um pouco mais adiante, este membro do Conselho da Revolução teve oportunidade de dizer que «desde os soldados aos oficiais começam a surgir profundas divergências de ordem partidária.

Por exemplo, quando uma companhia é manipulada por elementos da extrema-esquerda que os levaram em determinada direcção ideológica, quando essa mesma companhia vai proteger um

Comício do CDS, que é marcadamente de feição ideológica de direita, esses soldados «a priori» estão mais do lado dos manifestantes do que do lado daqueles que têm que defender.»

Finalmente considerou que se houvesse coexistência entre os partidos, «teríamos instalada a tal democracia política tão desejada»; contudo, Saraiva de Carvalho

entende que a referida coexistência lhe parece ser «mais uma das utopias que o MFA prescreveu no seu programa de 26 de Abril (...).»

Ficamos com pena que o Comandante-Adjunto do COPCON não tenha precisado quais foram as outras utopias que o MFA escreveu no seu programa em 26 de Abril...

Contudo, parece-nos importante acentuar que alguns pontos a que o Brigadeiro Otelo chama «utopias», talvez tenham antes sido condições ou mesmo imposições que determinados senhores fizeram. Ou não será assim?

## Domingo, dia 6 de Abril

É anunciado o reaparecimento do jornal «Liberdade», cujo director, Luis Arouca, se encontra preso em Caxias na sequência do golpe de 11 de Março!...

Que processo revolucionário é este que se permite o reaparecimento de um jornal nitidamente fascista? Por este caminho, quem se espantará com mais um «11 de Março»?...

## Segunda-feira, dia 7 de Abril

— A nova Assembleia do MFA, reunindo agora 240 militares (oficiais, sargentos e praças), discutiu determinados assuntos que foram enunciados num comunicado, do qual salientamos:

«— A posição da directiva geral que enuncia as linhas ideológicas e perspectivas de actuação orientadoras das actividades de dinamização e acção cívica das Forças Armadas, reconhecendo e consagrando a opção socialista da revolução portuguesa iniciada em 25 de Abril de 1974. Metodologia a aplicar na prática dessa direcção e medidas concretas a promover».

Não queremos subestimar a inclusão de sargentos e praças na composição da nova Assembleia (da qual os spinolistas mais conhecidos foram eliminados, porque estão presos). Não queremos também menosprezar a importância e o significado do reconhecimento e consagração da opção socialista.

No entanto, importa salientar que é irrisória a % até agora conhecida de praças (só conhecemos a composição da Armada em que, num total de 60 elementos só 4 são praças!).

Por outro lado, também o socialismo não é qualquer coisa que se atinja por decreto...

— Em entrevista dada ao jornal «Liberation», Rosa Coutinho

refere-se nestes termos ao 11 de Março:

«No assunto, há grandes e pequenos «batotoiros». Eu creio que os «spinolistas» foram enganados porque estavam dispostos a sê-lo. Eles foram enganados por um grande «batotoiro» que nós não conhecemos. É por isto que é bastante difícil descobrir as linhas desta intentona.

«No 11 de Março, nós tivemos de conduzir duas batalhas. A primeira era a mais fácil. Tratava-se de controlar a situação, e por isso não nos levou mais do que duas horas. A outra batalha era mais difícil. Era a grande batalha. Tratava-se de evitar que todas as iniciativas tomadas de uma parte e de outra levassem ao caos e fossem o pretexto para uma intervenção estrangeira».

Mais adiante reconheceu que «os militares progressistas são muito pouco numerosos e eles abriram o caminho».

Finalmente, abordou a questão da necessidade de se criar um novo partido político:

«Não é necessário que ele englobe todos os actuais partidos da coligação, mas alguns deles. Nós veríamos isso com prazer. Há demasiados partidos em Portugal e, naturalmente, discute-se a necessidade de um tal partido».

«Gostaria bastante de conhecer outras experiências de construção do socialismo que não conheço muito bem. Há países que eu gostava de visitar: o Peru, Cuba, a Jugoslávia e a Argélia. Ver o que aí se passa, como lá se constrói o socialismo. Não para copiar, mas para ter ideias. É preciso aprender e isso instruir-me-ia politicamente. Antes, eu não era um político mas um militar mais preocupado com a estratégia e a tática do que com a política.

«Creio que há formas de socialismo que poderão ser adaptadas às nossas necessidades. Para isso, temos necessidade de um partido que você chama um «M. F. A. civil» e que devia situar-se entre o P. S. actual e o P. C. Creio exprimir o sentimento de muitos membros do M. F. A.»

Claro que as declarações de Rosa Coutinho são duma franqueza e honestidade total.

Não deixa, por outro lado, de ter grande significado que seja esta uma das raras vezes, senão mesmo a única, em que um elemento do Conselho da Revolução aponta a necessidade da criação de um novo partido que, se bem entendemos, levaria à dissolução de algumas forças políticas que já hoje existem.

E também tem o seu interesse admitir-mos que a opinião de Rosa Coutinho não será apenas sua, mas que cristalizará, possivelmente, uma corrente bem definida («entre o P. S. actual e o P. C.» — repare-se no P. S. actual) no seio do MFA, com o evidente acolhimento em determinadas organizações políticas.

A ver vamos...



# Revolução

Composição e impressão: MIRANDELA & — Distribuição: DIG

## EDITORIAL

Há oito dias que se assiste ao triste espectáculo das eleições. Os partidos tentam emitir os respectivos colegas europeus e desenvolvem o teatro de propaganda e dos comícios eleitorais. Triste, inconsciente e pouco convincente espectáculo. Quem acredita nele?

Só o PPD e o PS parecem entregar-se nas mãos dos resultados eleitorais, mas mesmo assim não têm o entusiasmo eleicoeiro dos seus congéneres europeus. E Balsemão fala que o seu partido perdeu os sonhos da "democracia formal". Será que mesmo estes partidos já perderam ilusões quanto à influência dos resultados eleitorais no futuro próximo deste país? Se assim o é, em que outra alternativa jogam?

Quanto ao CDS é a vítima tipo cordeiro que fala de justiça, paz e amor, palavreado que tem eco na província. E assim cria uma imagem política para a sua zona de apoio.

Mas todos os outros partidos, do PC para a esquerda, negam a validade das eleições e o seu significado. Negam com mais ou menos veemência, o interesse dos resultados eleitorais perante o futuro deste país. Mas todos eles vão estando nas eleições e vão gastando o melhor das suas energias, da sua organização (o melhor para não dizer o total) na intervenção eleitoral. Quanto à propaganda e às promessas eleitorais dos partidos da coligação, confundem-se assustadoramente. "Democracia", "liberdade", "socialismo" são palavras que andam nos cartazes e na boca de todos os partidos. Todos falam dos trabalhadores, todos falam nos médios e pequenos industriais. Para quem não esteja de todo viciado na política será deveras difícil perceber as distinções, através do palavreado de cada um. E senão leia-se os discursos... e compare-se.

Esta ambiguidade, estas semelhanças não são por acaso. Qualquer dos três reformismos, desde o capitalista e do social-democrata ao revisionista procuram iludir o problema da impossibilidade de saída

dentro do sistema e procuram encontrar alternativas (diversas é certo) que evitem a alternativa revolucionária com a tomada do poder pelos trabalhadores. Os partidos pobres que são os que se situam à esquerda do PC nem sequer têm dinheiro para cartazes (excepto algum privilegiado) e deixam-se esmagar pelo preço financeiro dos partidos da coligação. Entram num jogo em que quem não tem dinheiro perde. E perde sem que grande parte da população perceba porquê, o que é grave.

De qualquer modo, nesta campanha sem entusiasmo e sem convencimento uma constante surge no dia a dia. O reformismo revisionista transforma a propaganda eleitoral em policiamento e em prepotência. Todos os dias há notícias nos jornais — militantes da UDP ameaçados por indivíduos do PC de pistola em punho; militantes da FEC ameaçados em idênticas circunstâncias; professor de Almada raptado... ameaças, bandos ululantes de nec-nec-nec... Enfim a mediocridade e a prepotência que substituem a análise e a força revolucionária.

Este é um sinal de crise. Um sinal de crise e de desespero que há que ter em conta. Porque a verdade é que a situação objectiva está-se marimbando para os desígnios eleitorais dos partidos. O Conselho da Revolução, a Assembleia do MFA e as suas gravíssimas contradições internas decorrem sem que nada dependa das eleições. E o governo governa muito pouco.

Qual o futuro imediato da situação económica deste país com a banca nacionalizada e a indústria privada? A anarquia e ao caos capitalista juntou-se a indefinição.

Os trabalhadores terão que encontrar uma forma de se oporem ao eleitoralismo e à degradação da situação. Deixem-se as eleições para a burguesia e organizem-se os trabalhadores. Armados e unidos na base terão que encontrar as formas orgânicas que ultrapassem os partidos, as eleições e sejam capazes de vencer o inimigo.

No n.º 34 de Revolução os preços de assinatura semestral e anual vieram, por erro, indicado 96\$00 e 192\$00, dado que o jornal tinha aumentado o número de páginas de 8 para 16. Corrigindo o erro, indicamos hoje os preços de 85\$00 e 170\$00 para as citadas assinaturas. Em relação aos assinantes que devido ao nosso erro nos enviaram aquelas quantias comunicamos que, no final do período de assinatura receberão respectivamente mais três e mais seis jornais, durante portanto 3 ou 6 semanas. E pedimos desculpa.

## PROVOCAÇÃO AOS PROFESSORES DE ALMADA

No sábado, dia 5, às três e meia da tarde um professor do Liceu de Almada foi raptado em plena rua por dois civis armados e metido dentro dum carro. Libertado algum tempo depois, ele e os seus colegas exigem uma explicação para isso e querem o castigo dos culpados. Esta história, que talvez seja apenas mais uma a juntar ao dossier do gangsterismo político que por aí anda, tem de ser contada, enquadrando-a na questão do Liceu de Almada.

O Liceu de Almada foi alvo de acções de destruição, cujos autores ninguém sabe identificar. Mas decerto a direita tem algo a dizer neste processo. Mas como sempre, os reformistas lançam a confusão e procuram insinuar que a esquerda está metida em acções que se tornam antipáticas aos olhos do público. Os senhores reformistas, que se sentam sorridentes com PPDs e outros que tal à mesa do governo, sabem ser valentes e, mais do que isso, polícias mal disfarçados para a esquerda revolucionária.

É desse modo que os reformistas se têm arvorado em polícias ao serviço do MEC, que é o Ministério mais reaccionário, denunciando os professores que se evidenciam pelas suas ideias revolucionárias. Um documento dessa sua actuação foi a lista de professores que lhes foi encontrada no Liceu Pedro Nunes, prestes a seguir para o MEC.

Dominando a "Comissão de Pais" do Liceu de Almada (como de outros liceus é o CDS a dominar), os reformistas apelam aos sentimentos familiares, à relação egoísta pais-filhos para pôr os primeiros contra os professores, sobre os quais passam a recair falsas culpas, exploradas pela calúnia e a má-fé. Perguntar-se-á porquê? Para fazerem a sua demagogia eleitoral. E também, e sobretudo, porque entre os professores há gente revolucionária. E para um reformista, um revolucionário é pior que uma urtiga...

Caluniados pelo aparelho reformista e pelo MEC, os professores do Liceu de Almada resolveram fazer um cartaz com as suas posições, que expuseram na Praça

das Forças Armadas (Ex-Renovação) de Almada e que terminava perguntando quem é que precisa de ser investigado: o MEC? Ou os professores?

Esse cartaz destinava-se ao esclarecimento da população em relação aos professores face às calúnias que circulavam. Junto dele um piquete de professores permanecia, assegurando não fosse arrancado por nenhuma mão, das que não gostam que se seja esclarecido.

Foi então que às três e meia de sábado chegou um carro com dois homens, um dos quais intimidou os professores. Como estes resistissem, esse mesmo indivíduo mostrou uma pistola e arrastou um dos professores para dentro do carro, arrancando. Perante isto, os outros professores presentes resolveram ir ao Forte de Almada e participaram ao COPCON o sucedido. Qual não foi o seu espanto quando encontraram o colega raptado no dito Forte, depois de ter sido "libertado" pelos dois assaltantes. Poderá perguntar-se: são estes militares vestidos à civil, que por qualquer razão prenderam o professor e o levaram para o Forte? Não. Os assaltantes são dois civis conhecidos em Almada por pertencerem ao PCP (um deles, o Sr. Catarino, colecciona actos desta natureza) e resolveram sem qualquer explicação rebocar o professor até dentro do Forte, libertando-o aí. Pergunta-se: como é que estes dois homens entram e saem do Forte com este à vontade, com uma pessoa aprisionada, sem que lhes seja pedida uma explicação? Que teatralidade de poder é esta representada pelos reformistas, que consegue iludir as vigilâncias e que nos leva a crer saber: naquele sítio, quem manda, quem é responsável?

A quem é responsável ou a dois gangsters civis? Quem é responsável por esta história que tem princípio, meio e fim, nomes e personagens reais?

Ou será mais uma história a juntar a outras até que um grande rol se faça e, tal como noutras ocasiões, se espere bem que quem rir-no fim ria melhor? Por nós estamos a fazer o rol e a começar a rir.

## Assinatura

Queiram considerar-me assinante na modalidade abaixo assinalada:

NOME .....

MORADA .....

LOCALIDADE .....

PROFISSÃO .....

LOCAL DE TRABALHO .....

ASSINATURA: Semestral — 85\$00

Anual — 120\$00

PAGAMENTO: Em cheque

Em Vale